Num. 371 Sabbado 31 de Julho de 1915 Anno VIII

GRANDE PREMIO NA EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1908

A SENTINELLA

S. Ex. tem effectivamente o exercito a seu lado mas... montando guarda.

CIGARROS Consuelo

AROMA DE ARABIA

GABINETE DE SCIENCIAS OCCULTAS

do Prof. George Baçú

RUA VICTORIA, 129 - Teleph. Cent. 2371 - Bragantina 171, S. Paulo-Brazil

Attende a todos os que o procuram das 15 ás 18 horas, á rua Victoria, 129, teleph. 2371

Curas importantes tem realisado pelo occultismo, conforme tem comprovado a imprensa paulista. Attestados photographicos e dedicatorias dos curados desta capital acham-se no gabinete do professor BAÇU'.

Consultas no Gabinete dias uteis....... 10$000
Consultas no Gabinete dias feriados..... 20$000
Consultas por carta para tratamentos a distancia 0$000
Chamados a domicilio 30$000

O Professor BAÇU' avisa aos seus amigos e clientes desta capital e do interior, assim como os clientes de todos os estados do Brasil que já está distribuindo os Receptores Indianos, medalhas por todos os scientistas universaes reconhecedores de suas virtudes para os casos da vida terrena, em todos os povos que tiveram a felicidade de os possuir. De milhares de pessoas nesta capital e de todos os logares que o professor tem estado, onde distribuiu os Receptores Indianos tem recebido cartas elogiosas pelos seus effeitos beneficos.

Força dupla = preço..... 20$000

As instrucções acompanham os Receptores, e toda a correspondencia e pedidos de Receptores acompanhados da importancia em vale postal ou carta registrada, devem ser dirigidos ao

Professor GEORGE BAÇU

NOTA = O professor avisa aos seus clientes que não tem gabinete no Rio nem representação em parte alguma.

Os privilegios dos congressistas

Os corpos legislativos de algumas nações da Europa disfructam privilegios extraordinarios. Os congressistas dinamarquezes, por exemplo têm entrada livre no Theatro Real de Copenhague. Os da Noruega gosam de assistencia medica gratuita, si adoecem durante a sessão, e a isto accre scentaram o privilegio de... poderem receber massagens, banhos e vinho, e fazerem gymnastica sem dispendio nenhum.

No Brasil, os membros do Congresso Nacional gosam, porém, de um privilegio ainda mais extraordinario : — receber o subsidio sem fazer cousa alguma.

PHRASES CELEBRES DOS GUERREIROS ILLUSTRES

VI

«Tanto melhor: eu precisava justamente de areia.» — Junot a Bonaparte, quando, em Toulon, uma bala lançou areia em uma carta que acabava de escrever (1793).

«Annibal está ás nossas portas, e nós deliberamos!» — Grito de alarma que lançavam os Romanos, após a derrota de Cannes (216 A. C).

«Elle se batia com intrepidez, mas isso durava só um dia!» — Napoleão I fallando de Augerau, duque de Castiglione (1819).

«Crillon, bravo dos bravos!» — Henrique IV, fallando de Crillon (1571).

«Honra á coragem infeliz!» — Napoleão I saudando, á passagem, uma leva de prisioneiros austriacos (1806).

«O corpo d'um inimigo morto cheira sempre bem.» — O imperador Vitellio, no campo de batalha de Bédriac (70 annos depois de Christo).

A machina de escrever Remington é o resultado de 30 annos dedicados esclusivamente ao fabrico deste artigo. A Remington sempre foi e ainda é *a primeira machina de escrever.*

Sendo a primeira no mercado a Fabrica Remington foi introduzindo aperfeiçoamentos adquiridos passo a passo, da pratica dos proprios dactylographos — porem sempre um grau ou dois adeante das exigencias do consumidor. Outros fabricantes seguiram-na.

Hoje em dia a Remington acha-se na mais invejavel situação, sendo universalmente reconhecida como modelar. E os demais fabricantes de machinas de escrever não são os menos beneficiados pelo seu exemplo, pois a Remington creou a industria da machina de escrever, abrindo caminho para outros seguirem.

Peça o novo catalogo illustrada contendo descripções dos ultimos aperfeiçoamentos.

CASA MATRIZ:
RUA OUVIDOR 125
RIO DE JANEIRO

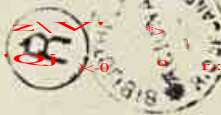
Casa Pratt

FILIAES:
SÃO PAULO
SANTOS,
CURITYBA,
PERNAMBUCO.

Redacção e Officinas: — Rua da Assembléa, 70 — Rio de Janeiro

ASSIGNATURAS
ANNO. . . . . . 15$000 | SEMESTRE. . . . 8$000

NUMERO AVULSO
CAPITAL. . . . 300 Rs. — ESTADOS. . . . 400 Rs.

END. TELEG. KÓSMOS

TELEPHONE N. 5341

N. 371 — RIO DE JANEIRO — SABBADO — 31 — JULHO — 1915 — ANNO VIII

MOMENTO COMICO

Fatigado do seu primeiro esforço viril, o nosso digno Presidente voltou á doçura passiva da sua inercia.

Fatigado dos seus arreganhos amedrontadores, o povo, acalmando a sua furia symbolica de leão, voltou á sua casa miseravel, sem ter conseguido o minimo lucro para a patria, e tendo perdido alguma cousa individualmente.

Contentes da resistencia que souberam oppor aos manifestos desejos presidenciaes, os avidos ministros pinheiristas ficaram atarrachados ás pastas e continúam a representar nas inocuas reuniões ministeriaes o pensamento hostil ao Presidente da Republica.

Normalisou-se a giga-joga oscillante da nossa politica.

Falamos em normalidade, porque os estados normaes da nossa politica são a submissão dos Presidentes ao atrabiliario caudilho dos esporões senatoriaes e as escaramuças entre os partidarios da independencia presidencial e os serviçaes do caudilhismo.

Da offensiva pinheirista, no Senado, e da contra-offensiva governista, no ministerio da Agricultura, a politica brasileira cahio numa especie de Polonia, onde russos e austro-allemães, travando batalhas e guerrilhas, ora abandonam, ora occupam posições e recúam ou avançam, bradando ao mundo que estão vencendo.

Quando o general Pinheiro Machado sacóde a crespa gaforinha ensebada e sáe do rinhadeiro á testa das suas legiões de senadores decrepitos e deputados de bom estomago, o Presidente Wencesláo, á rectaguarda do seus carneiros de differentes regiões, começa um recuo estrategico rumo de Petrograd, um emporio politico que ninguem sabe onde fica.

Quando o Presidente Wencesláo faz um pequeno finca-pé, ordena aos seus carneiros que se transformem em lobos e annuncia que vae tomar a offensiva, o valentissimo tropeiro, no meio das suas phalanges transformadas em gallos de crista cahida, emprehende uma retirada em ordem na direcção de Thorn, capital estrategica de posição incerta nos mappas politicos.

Generaes do arrojo dos russos que levaram os moscovitas ás cimas dos Carpathos e marechaes da competencia dos allemães que estão conduzindo as tropas germanicas ao coração da Russia, ainda não appareceram no revolto campo onde se trava a nossa guerra.

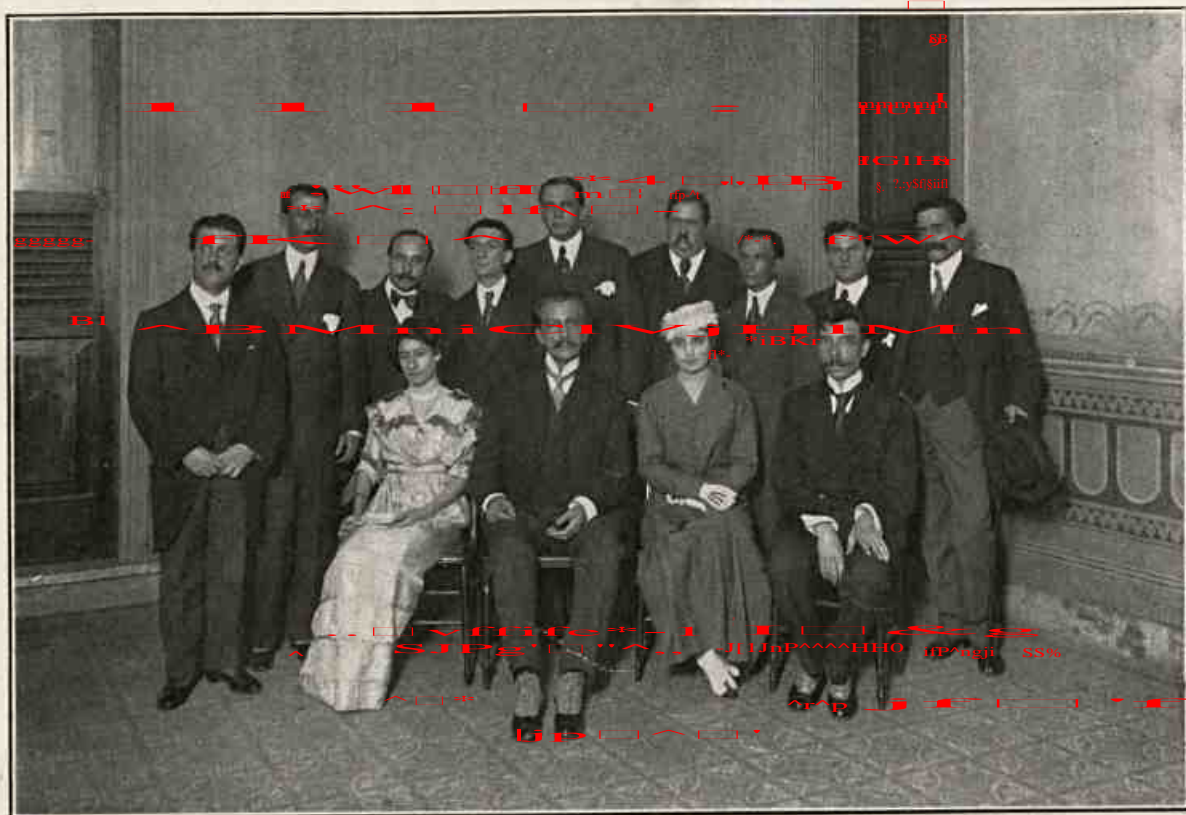
Desconfiando que não póde vencer, o general do Senado quer fingir que se considera invencivel.

Temendo que o contendor o esmague, o Presidente Wencesláo quer apparecer como vencedor, embóra ceda o terreno e abandone as bandeiras ao inimigo.

A situação do caudilhismo e do presidente é a de medo reciproco.

Que o sr. Wenceslão sinta os pavores depressivos do medo — é natural: o medo parece constituir a essencia da sua alma. Que o sr. Pinheiro Machado, o ferrabraz das coxilhas, o trinca-espinhas do Senado, o rompe ferro do rinhadeiro, empallideça e trema, sim, é de espantar ao coração menos ingenuo.

Não menos contagioso do que o enthusiasmo, o medo propaga-se de organismo para organismo, dominando multidões: ainda havemos de ver o caudilho e o presidente, lado a lado, um com medo do outro, fugindo pela mesma estrada.

Annibal Theophilo

Maestro Chiaffitelli, Olavo Bilac, Goulart de Andrade, barytono Nascimento, Oscar Lopes, Emilio de Menezes, Leal de Souza, Martins Fontes, Augusto de Lima, Sra. Chiaffitelli, Alberto de Oliveira, Sra. Rosalina Coelho Lisbôa e Gregorio Fonseca, tomaram parte na «Hora literaria» em beneficio dos filhos de Annibal Theophilo.

BRIC-A-BRAC

Manifestações eloquentes

A imprensa do Rio de Janeiro, em seus vehementes conceitos relativos ao cruel assassinato de Annibal Theophilo, espelhou com a núa nitidez da verdade o manifesto sentir da população carioca.

Quando, cahido no saguão do JORNAL DO COMMERCIO, Annibal Theophilo agonisava e o homicida procurava fugir «acorreram ao local muitas pessoas, attonitas com o crime, indignadas com o criminoso, e houve um momento em que, se não fosse o esforço da policia, essa indignação explodiria numa scena barbara de lynchamento.» (JORNAL DO COMMERCIO, de 20 de Junho.)

Não quero transcrever as commovedoras paginas em que a imprensa diaria descreve as scenas dolorosas occorridas na Assistencia Municipal e no Necroterio da Policia.

Na Sociedade Rio-Grandense, para onde foi transportado o cadaver do illustre poeta: «Em todo o salão, repleto de homens de letras, amigos e parentes do extincto, só os soluços profundos, compungentes, de duas senhoras, mãe e esposa, e dos filhinhos do poeta se ouviam. Em todos os rostos havia traços de dôr, de pezar. Ninguem conversava...» (A NOITE, de 20 de Junho.)

«A assistencia do salão da Sociedade Rio-Grandense era continuamente augmentada por novas pessoas que, constantemente, procuravam levar seu ultimo preito de veneração ao poeta da CEGONHA.» (GAZETA DE NOTICIAS, de 21 de Junho.)

Quando sahio o cortejo funebre: «Compacta multidão estacionava em frente ao predio onde tem a sua séde a Sociedade Rio-Grandense.

«Em todos os semblantes transparecia o quer que fosse de tristeza e desolação.

«Muitas pessôas chegaram mesmo a chorar, quando o cortejo atravessava a Avenida.

«Os commentarios sobre o doloroso acontecimento fervilhavam, sendo todos reprovando o gesto brutal de Gilberto Amado.» (O IMPARCIAL, de 21 de Junho.)

«O conjuncto do prestito podia ser calculado em perto de cento e cincoenta carros e automoveis.» (GAZETA DE NOTICIAS, de 21 de Junho.)

Essas eloquentes manifestações do sincero sentimento carioca têm-se repetido com expontaneidade significativa.

Abriram-se, nos jornaes, por suggestões de leitores generosos, subscripções em favor da desamparada

familia de Annibal Theophilo, e até em beneficio do zeloso detentor do assassino.

Familias de Botafogo e das Laranjeiras mandaram celebrar um officio divino no setimo dia do assassinato, e o JORNAL DO COMMERCIO, em sua edição vespertina de 26 de Junho, dizia: «Ainda não se apagou nem se apagará tão cedo a impressão de horror causada na sociedade inteira por esse crime horrivel que poz um remate de tristeza e de luto a uma linda festa de arte, na qual haviam tomado parte os mais brilhantes espiritos do meio literario fluminense, com assistencia de um publico selecto e distinctissimo.

«Hoje, a Igreja Matriz da Gloria encheu-se de senhoras e cavalheiros que foram assistir á missa alli rezada ás 10 horas por iniciativa de diversas familias de Botafogo e Laranjeiras. A cerimonia religiosa esteve realmente tocante. Quasi todos os nossos homens de letras estavam presentes para render mais essa homenagem ao digno e inditoso companheiro que tão funda saudade deixou no coração de todos.»

Igual assistencia brilhante compareceu á missa de trigessimo dia, mandada resar pela familia do poeta, na Igreja de S. Francisco de Paula.

A Sociedade Brasileira de Homens de Letras recebeu milhares de cartas em que se condemna com indignação ardente o crime de 19 de Junho.

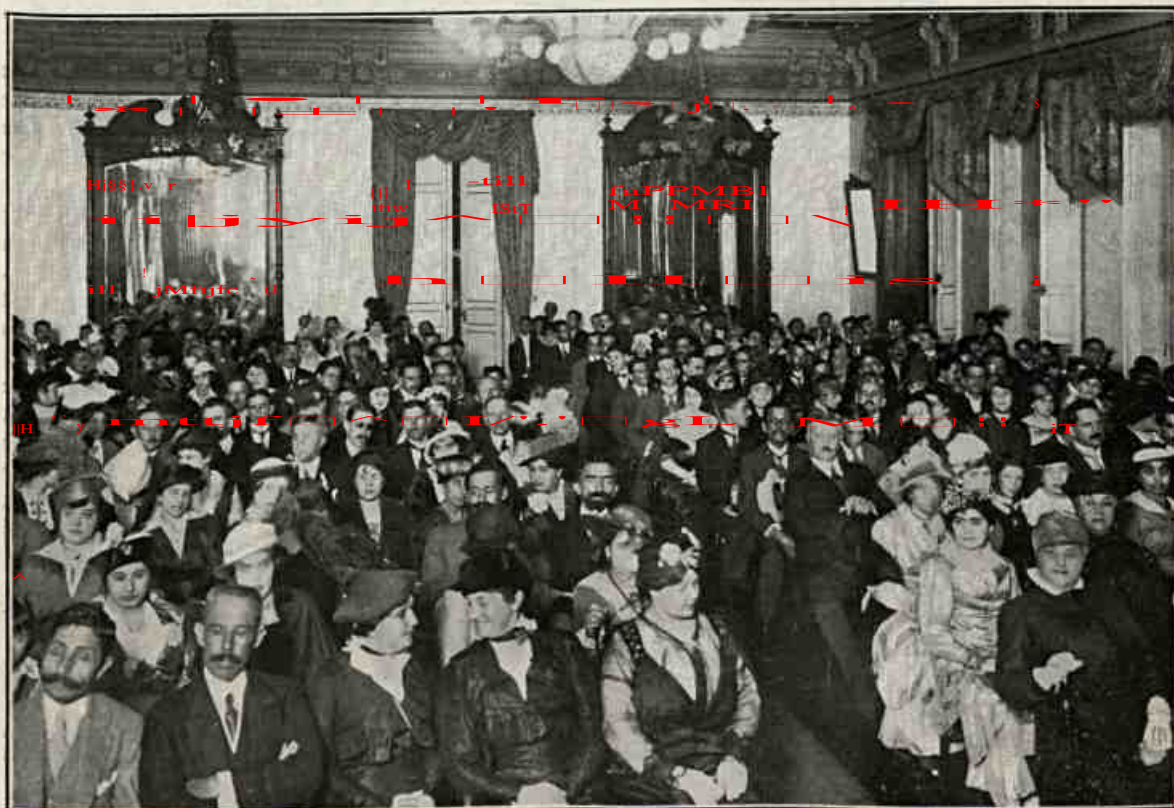
Ao espectaculo realisado no CINEMATOGRAPHO PARISIENSE, em beneficio dos filhos de Annibal Theophilo, e offerecido pela companhia dramatica dirigida com tão superior talento pela Sra. Lucilia Peres, não obstante o incendio que, á hora da festa, irrompeu na casa visinha, uma concorrencia numerosa e fina levou a solidariedade da nobre gente carioca.

Pela tristeza solemne de que se revestio na sua empolgante originalidade artistica, a HORA LITERARIA de 21 de Julho foi a mais expressiva das homenagens consagradas ao forte poeta da PERFEIÇÃO IGNORADA.

Alberto, o grande Alberto de Oliveira, Bilac, o grande Olavo Bilac, mestres queridos de Annibal, e outros poetas, os que elle mais admirou e amou, e tambem a poetisa Rosalina Coelho Lisbôa, perante um publico emocionado, no salão donde elle, coroado de applausos, sahio para a morte, recitaram essas commovidas RIMAS que perpetuarão na lembrança dos homens, a alma pura do paladino.

LEAL DE SOUZA

Na *Hora literaria* realisada no salão nobre do *Jornal do Commercio* no dia 21 de Julho, o Sr. Gregorio da Fonseca fez uma conferencia sobre *a mocidade cavalheiresca de Annibal Theophilo* e os versos recitados pelos outros poetas, bem como os cantados pelo Sr. Nascimento, eram da lavra de Annibal Theophilo.

Annibal Theophilo

Aspecto do salão do «Jornal do Commercio» durante a «Hora literaria» promovida pela Sociedade Brazileira de Homens de Letras em beneficio dos filhos do poeta Annibal Theophilo, assassinado por Gilberto Amado, na tarde de 19 de Junho.

Contos argelinos

V

O DESCONTO

Como foi contado aos leitores o Khanato de Al-Bandeirah, depois de arrotar muita farofa, que fazia e acontecia, acabou por comprar a não invasão das tropas de Abu-al-Dhudut por bom dinheiro.

Essa provincia de Al-Bandeirah, como se sabe já, é governada por varios magnatas e algumas familias, entre aquelles conta-se o Sidi Cinsin-ben-Nhato que é, a bem dizer, o general da olygarchia do Khanato.

Elle, quando os taes cultivadores de tamaras gastam á vontade e ficam encalacrados, corre ao Sultão e diz cheio de chôro e labia :

— Magestade; os cultivadores de tamaras estão morrendo á fome; o producto da venda não paga as despezas que dá o seu cultivo; os grandes empregam toda a sua fortuna para que elle baixe.

Ahi elle faz uma pausa e continua alteando a voz :

— E' preciso que V. M. vá ao encontro das necessidades dessa pobre gente que tanto concorre para a grandeza do reino que é de V. M.

— Mas como, Sidi ?

— Como ? Dando-lhes dinheiro, Magestade.

— Não tenho. O meu thezouro está esgotado.

— Magestade : o poder de V. M. é grande e ha um meio.

— Qual ?

— V. M. decrete um imposto sobre os mendigos do reino que haverá dinheiro para soccorrer os miseraveis cultivadores de tamaras.

Os sultões todos lhe fazem a vontade e os de Al-Bandeirah se blasonam de ricos e trabalhadores.

Ha outros casos que hei de contar-lhes, mas agora quero lembrar um muito typico.

Os taes de Al-Bandeirah tinham, como já foi narrado, comprado um principe irmão de Abu-al-Dhudut, para que este não invadisse com as suas tropas o Khanato.

O principe que era seguro, foi em pessoa buscar o preço do negocio.

Trotou varias e muitas leguas em camello e chegou á capital da provincia ex-semi-rebelde.

Falou ao Khan e este mandou ordem ao seu thezoureiro, para que lhe pagassem 350 mil piastras.

O irmão de Abu foi logo á presença do funccionario que lhe disse :

— Principe : V. A. poderá ir para o palacio de V. A. que o dinheiro irá lá ter.

De facto assim foi e um empregado do thezouro lá chegou com os saccos de ouro.

Esperou este que o principe contasse o dinheiro. Acabou e exclamou furioso :

— Mas faltam 45 mil piastras.

— Principe: é a minha porcentagem. Vinte por cento.

O irmão de Abu calou-se.

L. B.

A CRUZ VERMELHA ITALIANA

Na Avenida Rio Branco

O RISO

O riso homerico está passado da moda. Entre parenthesis, o riso homerico é muito problematico. E', muito pouco provavel que Homero risse, pelo motivo de ser muito pouco provavel que Homero houvesse existido. Mas continuando, o riso de desarticular as mandibulas está fóra de moda. Com efeito não ha nada mais deselegante. Rabelais disse que «le rire est le propre de l'homme», mas com certeza não se referia ao riso cavalar. A expressão mais ruidosa de gargalhada é o relincho.

O riso não precisa ser escandaloso basta ser interno, e traduzir-se por sorrisos discretos.

Um dos espiritos mais finos que têm existido é o de Fontenelle.

Fontenelle sorria algumas vezes, mas não ria nunca. Perguntaram-lhe um dia a razão e elle respondeu :

— Eu nunca senti a necessidade de fazer ah! ah! ah!

Era essa a idéa que Fontenelle tinha do riso.

Emfim, tudo é relativo. Ria quem quizer. E' sempre preferivel rir a chorar.

O Multiplicador maravilhoso

Os tribunaes inglezes acabam de julgar um caso interessante. Um inglez travou relações com um hespanhol que morava com elle, em Londres. Recentemente este amigo, chamando-o de parte, confiou-lhe o segredo de uma invenção maravilhosa: um multiplicador de bilhetes do Banco de Inglaterra. Era um apparelho de forma mysteriosa, no qual, explicava o hespanhol, com toda a seriedade, bastava introduzir um certo numero de notas e de alli deixal-as macerar durante doze horas, para que ellas se multiplicassem ao infinito.

O ingenuo inglez pediu então ao inventor da machina maravilhosa que o deixasse alli collocar alguns bilhetes de banco que constituiam as suas economias.

O insinuante «fidalgo» acquiesceu logo, marcando-lhe um encontro no dia seguinte para lhe entregar a fortuna que lhe caberia, como por encanto.

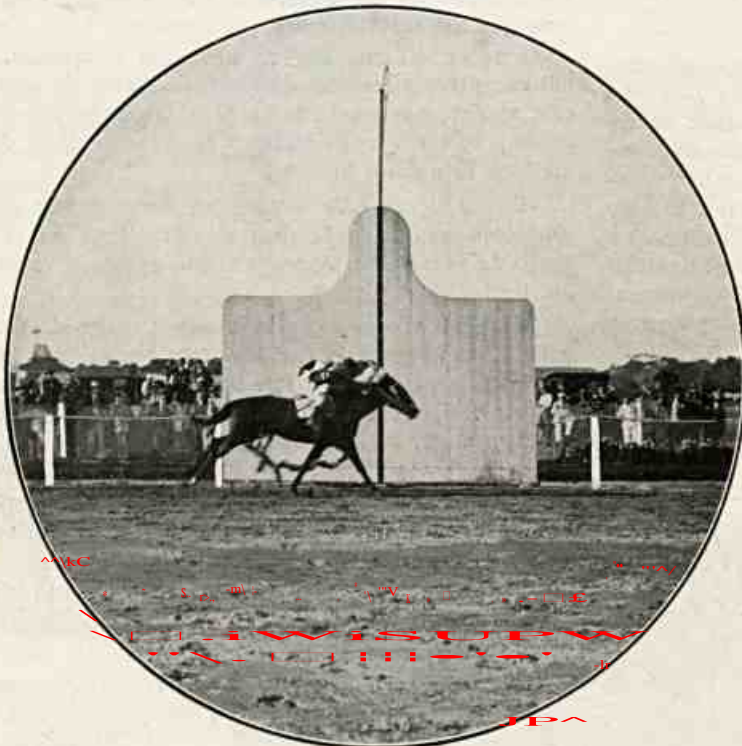
O inglez foi, com effeito, ao ponto designado, e alli encontrou a machina maravilhosa. Cheio de emoção, apoiou, a mandado do hespanhol, o dedo em um botão; e, em vez de bilhetes de banco, sahiu da machina este curto bilhete:

«Caro amigo. — Como pudestes me tomar por um criminoso capaz de fabricar moeda falsa? Eu só gosto da verdadeira. A prova é que quanto a vossa, até logo».

O prejudicado deu queixa contra o amigo da machina. E o tribunal de Guildhal condemnou esse engenhoso hespanhol, de nome Darcoren, a tres mezes de prisão. Em sua defesa, o accusado declarou exercer a profissão de... prestidigitador.

A dama muito rica

O CREADO — Sim, minha senhora. Fiquei postado á porta do Club. A's 4 1/2 o patrão sahiu dando o braço á uma dama, muito elegante e que trazia riquissimas joias, parecendo ser uma senhora muito rica. Ao entrarem para o automovel o patrão me descobriu e tentou comprar o meu silencio com uma moeda de quatro tostões, mas... a tal senhora me arrebatou o dinheiro e metteu-o na sua bolsa.

JOCKEY-CLUB

5° Pareo. Chegada do Classico «Experiencia»

repulsa gaucha e razões tão poderosas como os cariocas, devem empunhar as armas e impor a candidatura hermista aos rio-grandenses e o respectivo reconhecimento aos cariocas.

DOMINGOS AYRES

Napoleão... livreiro

Bonaparte, quando era tenente de artilharia, como fosse pequeno o seu soldo para poder manter-se e á sua familia, para augmentar o seu orçamento offereceu os seus serviços á casa Boulanger & Companhia, de Pariz, que acabava de publicar a HISTORIA DA REVOLUÇÃO.

O tenente encarregou-se de angariar assignaturas, mediante uma modica commissão. Parece que o negocio deu lucros a Bonaparte porque, tempos depois, sollicitou da casa o direito exclusivo de a representar no departamento da Vendéa. Isso não lhe foi concedido, mas unicamente se lhe confiou o monopolio da venda num dos arrabaldes de Pariz, em que desenvolveu toda a sua actividade.

Vê-se, ainda, no Louvre (affirma-o uma revista ingleza) o seu material de caixeiro: uma pasta, prospectos, provas typographicas, contas e uma lista de assignantes.

Candidatura endiabrada

O Rio Grande do Sul, por ser o Estado fronteiriço onde se travaram quasi todas as nossas luctas de nação independente, além das muitas empenhadas nos tempos coloniaes, é a terra mais bellicosa do Brasil, aquella cujos filhos affrontam com mais galhardia os perigos da guerra.

Agora, dessa terra, vêm gritos de guerra. Parece que a candidatura do famoso marechal que é soldado de um partido não agradou aos rio-grandenses.

A revolução pregada nas ruas do Rio de Janeiro pelos organisadores de comicios ameaça subverter o Rio Grande do Sul.

Parece-me que os rio-grandenses não devem pegar em armas, pois os cariocas serão muito mais infelicitados do que elles se o ex-presidente tomar assento no Senado.

O marechal será, no Senado, um representante igual a muitos outros que o Rio Grande tem tido, mas será para o Rio de Janeiro o flagello permanente da urucubaca.

Os cariocas é que deveriam oppor armas á entrada da cabula para o Senado.

Se considerarmos que sendo eleito, o homem nefasto deixará de residir em Petropolis concluiremos facilmente que os petropolitanos, por motivos mais fortes que os que justificam a

JOCKEY-CLUB

Scamp, vencedor do Pareo Classico «Experiencia»

ORACULO

DOMINGO. — Os jornaes noticiarão que o presidente da Republica espera o pedido de demissão do ministro da Justiça.

SEGUNDA-FEIRA. — O presidente da Republica mandará o seu LEADER na Camara confabular com o deputado indicado para succeder na pasta o actual ministro da Justiça.

TERÇA-FEIRA. — Os jornaes noticiarão que o presidente espera receber hoje o pedido de demissão do ministro da Justiça.

QUARTA-FEIRA. — O ministro da Justiça não será convocado para o despacho collectivo.

QUINTA-FEIRA. — O presidente da Republica mandará ractificar pelo ministro da Fazenda, decretos que deveriam ser assignados pelo da Justiça.

SEXTA-FEIRA. — Uma nota fornecida á imprensa pela secretaria do palacio do governo, declarará que a demissão do ministro da Justiça será concedida logo que o pedido de exoneração chegue ás mãos do presidente.

SABBADO. — O ministro da Justiça declarará aos jornaes que não pede demissão, porque continúa a merecer a confiança do presidente.

MME. DE THEBES

ASPECTO DAS REGATAS

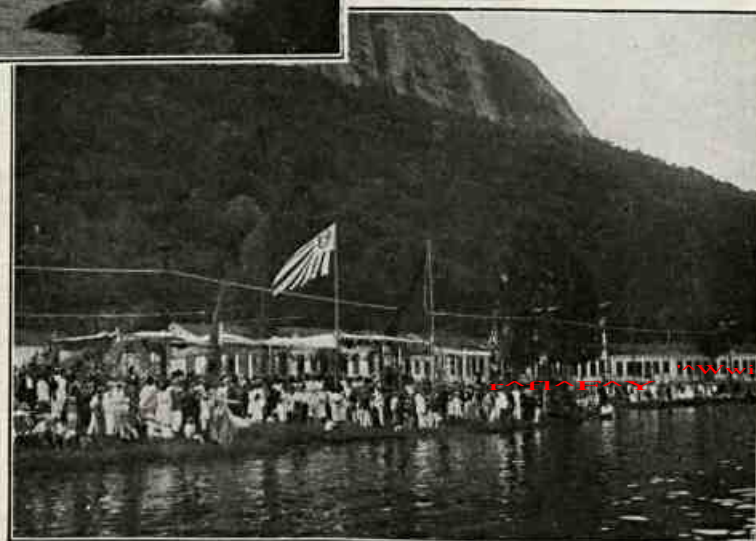
PROVERBIOS CHINEZES

— Os males podem curar-se; o destino nunca.

— Quem persegue o veado, despreza a lebre.

— De uma vacca não se podem tirar duas pelles.

— Quando secca o tanque, morrem os peixes.

Lagôa Rodrigo de Freitas

Autografo original

A coleção de autografos é uma mania que ás vezes se torna epidemica em certos logares, mas é sempre endemica. E rara a pessoa que não tenha sido atacada dessa obcessão. As vitimas porém não são os colecionadores de autografos são as celebridades obrigadas a fornecel-os.

Um ator que depois da estréa deante de uma assistencia nova não é solicitado a rabiscar centenas de cartões postaes que lhe apresentam espectadores enlevados, pode ter a certeza de que não agradou.

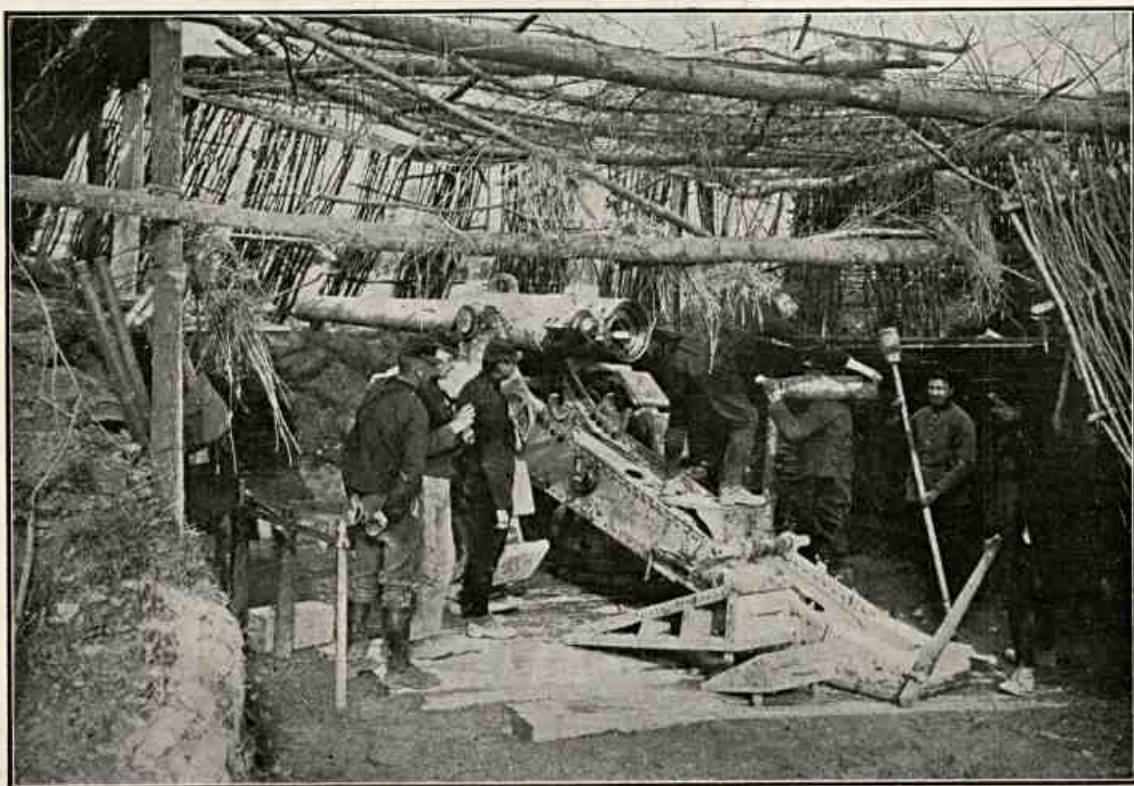
Todas as celebridades têm o fraco de não negarem autografos. Algumas, se os negam, é por pilheria. Mark Twain, o alegre humorista americano, sendo-lhe pedido por um collecionador um autografo, respondeu que o autografo é a mercadoria dos escriptores, como o relogio a do relojoeiro e o sapato a do sapateiro, e por isso devendo proceder como os seus colegas, sentia muito não poder attender. Esta resposta foi escrita á machina.

O celebre e espirituoso critico francez Jules Janin, como todos os escriptores populares, era perseguido pelos colecionadores de autografos. M. de Metternich, proprietario do celebre vinhedo de Johannisberg, e colecionador apaixonado, escreveu um dia ao espirituoso critico pedindo-lhe um autografo. Jules Janin lhe enviou o seguinte bilhete:

«Eu abaixo assignado declaro ter recebido do sr. conde de Metternich vinte e cinco garrafas de vinho de Johannisberg, pelas quaes lhe peço aceitar os meus agradecimentos. — Jules Janin.»

E' desnecessario dizer que o vinho foi remetido, e que esse autografo ficou sendo um dos mais curiosos da coleção Metternich.

X.

A GUERRA

Um canhão francez de 155-mm. na linha franceza de St. Aubin, perto de Arras

Os chrysantemos no Japão

Os japonezes cultivam nada menos de 269 variedades de chrysantemos: 87 brancos, 62 vermelhos, 63 amarellos, 31 rosados, 12 castanhos e 14 de côres mescladas.

Lendo os jornaes

O maravilhoso nessa politica do Estado do Rio é que algum dia elles se entenderam. Vem um briga com outro e faz um banzé de todos os diabos, correm ao Supremo, ás forças armadas e consegue um repimpar-se no governo.

Mas ficam sempre em briga, em zanga, de forma que mesmo aquelles que apoiam o presidente não se entendem, não dizem cousa com cousa, não sabem o que querem.

Agora fala-se em accordo e uns situacionistas querem, outros não querem.

Na opposição o barulho é grande por causa do preenchimento de uma vaga de senador. Vá a gente tomar partido entre semelhantes politicos tão versateis e engraçados. Deus nos livre!

* * *

O «Contestado» continua em fóco e todos os dias os jornaes annunciam que por lá ainda apparecem bandos armados em attitude ameaçadora. Cousa curiosa! Esse «Contestado» já foi pacificado duas vezes. A primeira foi pelo Sr. General Mesquita. Os senhores estão lembrados disso, não?

Pois eu me lembro bem que li a sua solemne communicação nos jornaes.

Vieram mêzes e o «Contestado» voltou a ser conflagrador. O governo mandou tropas, houve brigas e dahi a tempos o Sr. General Setembrino, tal qual novo Caxias, annunciava que tinha acabado de pacificar aquelle fóco de insurreição.

Agora, voltam os jornaes a dizer que lá ainda ha barulho. Como se deve entender tal cousa?

* * *

Andam muito indignados no Sul e aqui com a candidatura d' Elle. Discursos ferinos tem sido pronunciados e outros ainda serão.

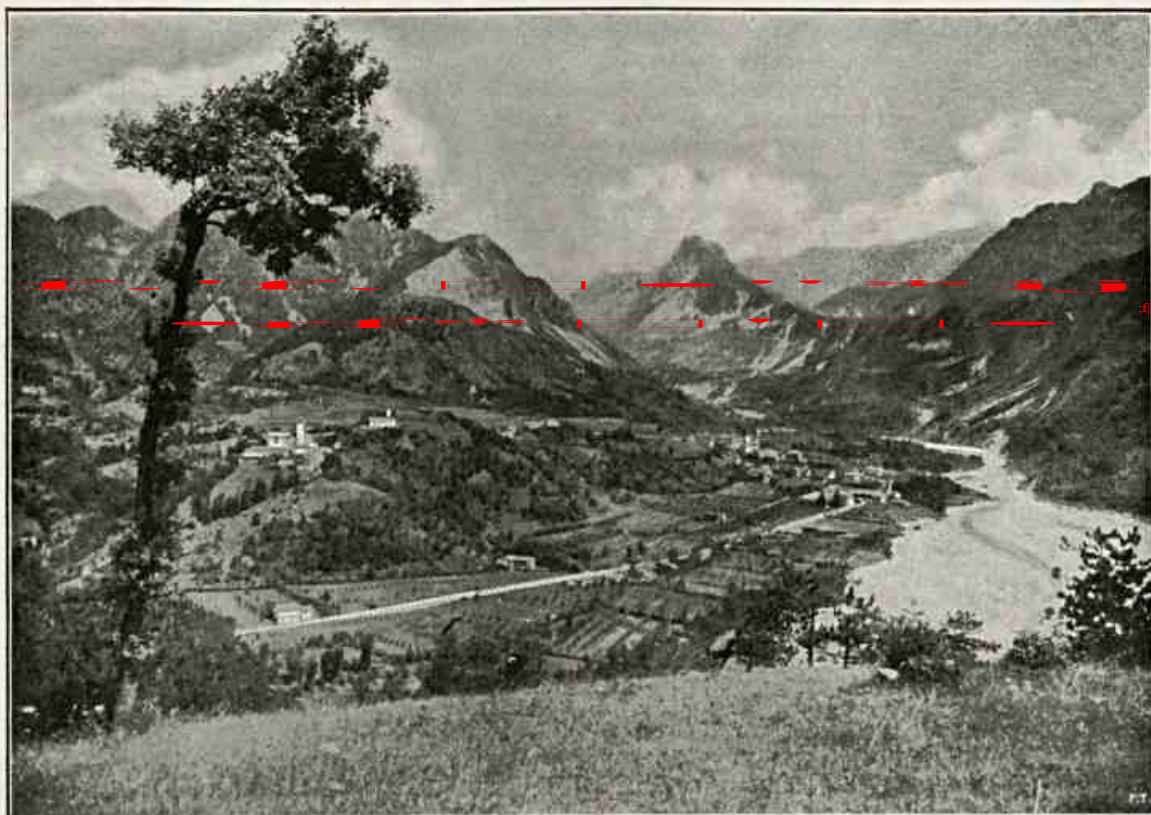
Não vejo motivo para tal. E' sabido que «Elle» é pobre, mas precisa viver em Petropolis, custear a «Chave de Ouro» e a Ilha Francisca.

Como irá fazer isto tudo com os seus parcos vencimentos? E' justo que tenha um accrescimo, quando agora todos foram descontados. Seja senador!

LEITOR

Serviços gratuitos

ELLA — Nada, absolutamente nada. Nós pedimos em beneficio das victimas sem ganharmos a minima recompensa.
ELLE — Si V.as Ex.as vendessem beijos, por exemplo, a receita seria colossal e (aqui entre nós) todas as vendeuses teriam os seus lucros.

A GUERRA AUSTRO-ITALIANA

Panorama de Moggia

ARCHIVO UNIVERSAL

PROCESSO PARA TRANSPORTAR LEITE CONGELADO. — Um scientista francez indica um meio simples e pratico para transportar-se o leite, sem perigo, a grande distancia. Logo que é mugido, tira-se cerca de uma quarta ou terça parte do leite, o qual é solidificado por meio do frio, em blócos de dez a quinze kilogrammas. Depois, sobre dez ou doze destes blócos, dispostos em recipientes especiaes, com paredes isoladoras, e com capacidade de trezentos litros, derrama-se immediatamente leite pasteurisado e refrigerado a 4 gráos. O leite assim preparado pode ser expedido a pequena velocidade e permanecer, sem o menor inconveniente, durante tres semanas e até mais, nos wagons ferro-viarios. A' chegada ao seu destino, o exame microscopico não mostra nenhuma alteração, e o sabor é perfeitamente conservado.

* * *

ETYMOLOGIA DA PALAVRA «CALCULO». — A palavra — calculo — vem do latim CALCULUS (CALHÁO, PEDRA), porque era com pequenas pedras que antigamente se contava; de onde provém o titulo O ARENARIO, de uma obra de Archimedes. No seculo XII, o hindú Bhascara compoz um livro, o BIJAGANITAN, sobre a contagem por meios de grãos. No seculo XVI, ainda na Europa, para contar, serviam-se de tentos. No começo da comedia de Molière, é por meio de tentos que o «doente imaginario» somma a conta do seu boticario. Mme. de Sévigné, escrevendo á sua filha, diz-lhe que acabou de fazer a conta dos seus haveres «com os tentos do abbade (de Coulanges) que são certeiros e tão bons.» A palavra CALCULO conservou o seu sentido etymologico, quando se trata das pequenas pedras que se formam na bexiga.

* * *

ROMANCES BEM PAGOS. — Diz-se que Affonso Daudet recebeu um milhão de francos pelo seu romance SAPHO, publicado em 1884. Isto parece-nos exagerado, pois representaria um milhão de exemplares vendidos, ou mil edições de mil exemplares cada uma, recebendo o autor um franco por cada exemplar. Era este o preço pago a Zola, no periodo de sua grande popularidade, e o preço de Georges Ohnet, cada um dos quaes viu as edições de al-

gumas de suas obras attingirem o numero de duzentos e tantos mil, o que para elles representava uma despeza de duzentos e tantos mil francos. Victor Hugo recebeu pelos MISERAVEIS, em 1862, 300:000 francos. Esta obra foi publicada em dez linguas simultaneamente. Lord Beaconsfield recebeu 12.000 libras esterlinas por ENDYMIÃO e LOTHARIO, dois romances. Carlos Dickens recebeu 7.500 libras por DAVID COPPERFIELD, e Wilkie Collins tambem recebeu 5.000 libras por um dos seus romances.

* * *

OS IRMÃOS DO BURRO — Na Edade Média chamavam-se IRMÃOS DO BURRO os irmãos da Santissima Trindade, porque não lhes era permittido montar sinão em burros. Posteriormente, o papa Honorio III permittiu-lhes o emprego de mulas e de cavallos.

* * *

UM POUCO DE TUDO. — O seguro contra o fogo data de 1666.

— O Tribunal de Haya tem representantes de quarenta e duas nações.

— Além do elephante, o marfim é tambem extrahido do hypopotamo e do cavallo marinho.

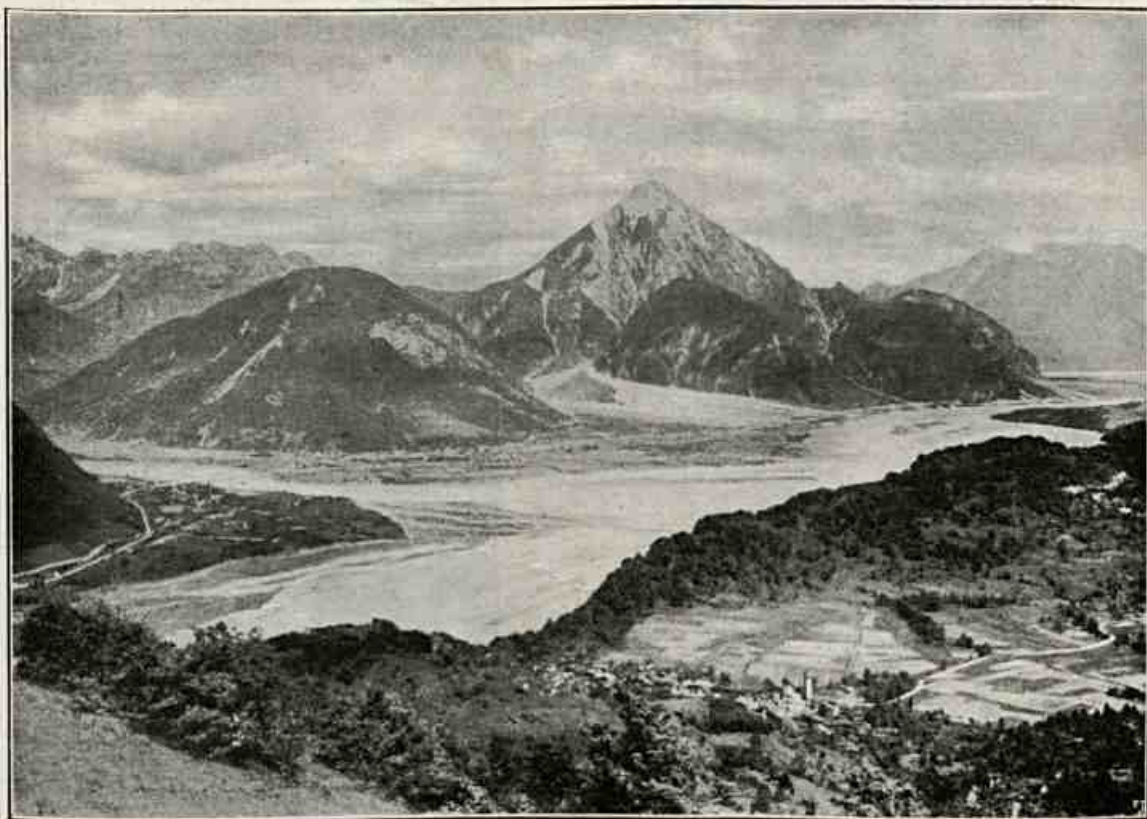
— O condado de Hampshire, na Inglaterra, cultiva o fumo em pequena escala.

— De 15 de Agosto de 1914, data da abertura, até 15 de Fevereiro de 1915, atravessaram o canal do Panamá 496 navios. Destes, 252 iam para léste, e 244 para oeste, carregando um peso total de 2.367.144 toneladas de mercadorias.

Um marechal francez que tambem não tinha miólos...

Durante o apertado cerco de Landrecies, o marechal La Feuillade cahiu ferido por uma bala na cabeça. Os cirurgiões disseram-lhe que a ferida era grave, e que por ella se lhes viam os miólos.

— Pois bem, meus senhores, disse o marechal animosamente, façam o favor de tirar uma porção d'elles, com geito e limpeza, e de os enviar, quer eu viva, quer eu morra, ao cardeal Mazarino, que andava sempre a dizer que eu os não tinha.

A GUERRA AUSTRO-ITALIANA

Os valles Carnicos

PRIMEIROS POEMAS

Appareceram os PRIMEIROS POEMAS, de Heitor Lima, constituindo um livro cujo elogio póde ser feito com verdade e concisão rigorosas, nestes termos : é um bom livro.

E' um bom, é um excellente livro. Raras vezes, em nosso paiz, um poeta tem feito uma estréa como a de Heitor Lima.

Elle não apparece como uma promessa auspiciosa, como uma esperança lisongeira de grandeza futura, surge como uma brilhante realidade, offerecendo ao publico uma obra que lhe conservaria o nome na historia das letras, mesmo que o seu esforço não podesse produzir outras.

Os versos que transcrevemos documentam o nosso juizo :

Da Terra ao Céo

Ser raiz é ser bom. E' viver sem vaidade,
E' soffrer sem blasphemia, é morrer sem terror.
E' combater o mal, sabendo que ha-de
Succumbir ao furor da tempestade,
Para resuscitar, um dia, triumphador.

Todo aquelle que lucta, abraçando o partido
Da Virtude, e cultuando a Justiça e o Dever,
E, passada a peleja, combalido,
A' terra volta, odiado e escarnecido —
E' Raiz : algum tempo ha-de reverdecer.

Todo aquelle que deixa mundanos tumultos
Pela meditação — mysterioso crysol —
E leis formula á sciencia, e dos estultos
Tem, no transe final, mofas e insultos —
E' Raiz : subirá para a gloria do sol.

Todo aquelle que, insomne e em febre, as noites vela,
Na tortura inaudita e suprema do Ideal,
E, no verso, no marmore, na tela,
Na pauta vibra e a perfeição revela —
E' Raiz : ha-de ser, ao Sonho, pedestal.

Todo aquelle que sente o indizivel encanto
Dessa allucinação que é ser amado e amar,
E soffre, e quer o proprio mal, comtanto
Que o olhar querido não se afogue em pranto —
E' Raiz : errará, feito perfume, no ar.

Todo aquelle que, em face á indigencia, que implora,
Detem o passo, escuta o rogo, estende a mão,
E, consolando, commovido embora,
Num furtivo carinho se demora —
E' Raiz : será sombra, almas o bemdirão.

Todo aquelle, afinal, que, injuriado, abençôa
A dôr de cada insulto e de cada labéo,
E, a soffrer e a sangrar, cinge a corôa
De todos os martyrios — mas perdôa —
E' Raiz : será fronde, ha-de chegar ao céo.

HEITOR LIMA

TROCA DE CORTEZIAS

Este facto é autentico, sucedido aqui ha poucos dias, e referido nos salões, onde são citados os nomes das personagens.

Uma distinta senhora, atarefada neste momento com os negocios de um COMITÉ de caridade de que é directora, foi procurada por um cavalheiro, que lhe ia levar a contribuição de umas listas de que se encarregara. A creada recebeu-lhe o cartão, entrou e voltou dai a pouco dizendo que a senhora havia saido.

O cavalheiro tomou o chapeu para retirar-se. Do corredor viu reflectida no espelho de uma peça da sala de jantar a cabeça da dona da casa.

O cavalheiro saiu.

A' tarde, em um chá, encontrou a mesma senhora.

— Estive hoje em casa de vossa excellencia, disse delle, e não pude ter o prazer de vel-a.

— E' verdade. Tive muito pesar. Mas eu tinha saido para um negocio, com pressa...

— Com tanta que, ao que parece, deixou a cabeça em casa ; pois eu a vi em um espelho.

— Deveras ? respondeu a doma. Afinal é possivel, eu sou tão distrahida !...

A vida bebe-se como o vinho, e como este embriaga a uns e vigorisa a outros. — A. DELVAN.

INSTANTANEO

Na Avenida Rio Branco

Gregos e Troyanos

Joffre, o generalissimo dos exercitos da Republica Franceza, é um chefe militar cuja competencia os alliados proclamam com ufania e esperança, e os austro-allemães reconhecem com admiração. Quando começou a guerra era o Chefe do Estado Maior Geral. Hoje commanda alguns milhões de homens, e por causa d'elle a França restabeleceu o posto de marechal mas paga-lhe menos do que se paga na America do Sul a qualquer general sem exercito.

Os flagellados do Norte

UM GRANDE FESTIVAL ARTISTICO

As redacções d'A RUA e da CARETA, solidarias com o nobre movimento nacional de piedade pelos flagellados do norte, promovem, em beneficio delles, a realização de um grande festival artistico, que collocam sob o patrocinio illustre das distinctas senhoras

Rachel Lopes,

Gaby Coelho Netto,

Regina San-Juan,

Esmeraldino Bandeira.

O programma desse festival foi organizado sob as vistas dessas generosas senhoras, e é o seguinte :

1ª PARTE

I — Viriato Correia, Paineis da secca (10 minutos).

II — Orchestra dos Concertos Symphonicos.

III — Goulart de Andrade, versos ineditos.

IV — D. Alice Fischer, canto.

V — Oscar Lopes, versos ineditos.

VI — Sta. Celina Roxo, pianno.

2ª PARTE

I — Walter Max, piano.

II — Leal de Souza, versos.

III — Maria Lina, danças.

IV — Olavo Bilac, versos.

V — Coelho Netto.

VI — Orchestra dos Concertos Symphonicos.

Este festival deve realizar-se no domingo, 8 de Agosto, em local que será opportunamente annunciado.

QUINTA DA BOA VISTA — Festa promovida pel'A NOITE

Senhoras e Senhoritas incumbidas do serviço de chá

QUINTA DA BOA VISTA — Festa promovida pel'A NOITE

Um aspecto do terraço do Museu

PRESENTES

Tendo constado que o dr. Tavares de Lyra, ministro da Viação, festejava o seu anniversario natalicio na terça-feira proxima passada, o escorreito titular da pasta dos caminhos de ferro recebeu numerosos presentes, entre os quaes se destacam, enviados por individualidades eminentes, os seguintes:

Do Chefe do P. R. C. — uma grande bacia, de folha.

Do Presidente do Senado — uma barra de sabão.

Do Presidente da Camara — uma toalha.

Do Presidente da Republica — agua para um banho.

Do Ministro da Fazenda — um pente fino.

Do Ministro da Guerra — uma escova de dentes.

Do Ministro da Marinha — uma thesoura de unhas.

Do Ministro do Interior — um par de meias.

Do Ministro da Agricultura — um par de ceroulas.

Do Ministro do Exterior — uma camisa limpa.

Do Director da Central — um par de punhos.

Dos funccionarios da sua secretaria — um collarinho.

Do Secretario do Presidente — um vidro de benzina.

Da bancada rio-grandense do norte — uma escova de roupa.

Do director dos Correios — uma escova de botas.

Proverbios e annexins em doses homœopathicas

— Melhor é o fumo na minha casa do que na alheia.
— O official tem officio e al.
— Mais quero asno que me leve, que cavallo que me derrube.
— Por linha vem a tinha.
— Não ha agua mais perigosa do que a que não sôa.
— Quem ameaça, uma tem e outra guarda.
— Todos os dias grandes tem suas vesperas.
— Sempre o alheio suspira por seu dono.
— Quem o alheio veste, na praça o despe.
— Alegria secreta, candeia morta.
— Fallo-lhe em alhos, responde-me em bugalhos.
— Ainda não sellamos, já cavalgámos.
— Canjas de serão, agua na mão.
— Na casa de quem joga alegria pouco mora.

MARICÁ JUNIOR

QUINTA DA BOA VISTA — Festa promovida pel'A NOITE

Nos lagos

Figuras e cousas de outras terras

CHRONOLOGIA PYTHAGORICIANA. — Sob o titulo acima, Gustave Téry acaba de publicar, no LE JOURNAL de Pariz, uma interessante chronica que traduzimos em seguida:

«Ha datas fatidicas?

No anniversario de Waterloo eu reli a bella pagina de Chateaubriand :

«A 18 de Junho de 1815, cerca de meio dia, eu sahi de Gand pela porta de Bruxellas; ia, sósinho, acabar o meu passeio na grande estrada. Levava commigo os COMMENTARIOS DE CESAR, e caminhava lentamente, mergulhado na leitura. Já estava a mais de uma legua da cidade, quando julguei ouvir um ruido surdo.. »

Esse ruido surdo era a batalha de Waterloo, e o auctor das MEMORIAS DE ALÉM TUMULO representa-se complacentemente em uma postura romantica, «isolado ao pé de um choupo», escutando os echos do canhoneio e acabrumhado sob o «peso de suas reflexões».

«Que combate era aquelle? perguntava a si proprio Chateaubriand. Era definitivo? O mundo, como a toga de Christo, iria ser lançado á sorte? Successo ou revez de um outro exercito, qual seria a consequencia do acontecimento para os povos? Liberdade ou escravidão? Era um novo Azincourt, de que iriam gozar os mais implacaveis inimigos da França?...»

E' quasi nos mesmos termos que poderiamos fallar do duello formidavel, que se debate hoje quasi no mesmo lugar.

— 1915, 1815... Remontai mais alto, nos diz alguem. 1715, é a morte de Luiz XIV, o fim do grande seculo. Em 1615, em seguida aos Estados Geraes, Richelieu começa a sua estréa; 1515, subida de Francisco I ao throno; 1415, Azincourt... De seculo em seculo esse numero 15 parece marcar um acontecimento decisivo, um côrte, ou antes um desvio da historia... Diabo! Em 2015, é preciso abrir os olhos...»

Menino terrivel

— Então, Carlinhos, — pergunta a mãe ao filho, na sala repleta de visitas —, não queres ir para os joelhos do papae?

— Não quero; os joelhos de papae não são meus, são da MISS...

Dedicação pela Patria

UM LORD INGLEZ TRABALHANDO COMO HUMILDE OPERARIO

Todas as manhãs, ás 6 horas, pode-se vêr entre a multidão de operarios que penetra na fabrica de aeroplanos de Byfleet, no condado inglez de Surrey, um homem de alta estatura, de cabellos grisalhos, que os companheiros de trabalho saúdam com toda a liberdade : «Bom dia, Nobby !»

«Nobby», que fez sua entrada na usina ha pouco tempo, tornou-se rapidamente popular entre seus camaradas, e isto por uma razão bem comprehensivel : este operario de aspecto jovial, de espirito modesto, não é outro sinão o chefe de umas das maiores familias do Reino Unido : «Nobby» era, ha alguns dias ainda, lord Norbury.

Este fidalgo inglez julga que todo o cidadão deve, na medida de suas forças, trabalhar, em tempo de guerra, para o bem de seu paiz. Bastante idoso para partir para a guerra (elle tem cincoenta e dous annos) julgou que poderia prestar certos serviços em uma usina de aeroplanos, tendo algum conhecimento da mechanica. Então sem hesitar, alegremente, lord Norbury deixou seu esplendido castello de Greenwood Gate. Installou-se em um pequeno quarto de operario, em Byfleet, e foi pedir trabalho na usina do local. Contractado immediatamente, pelo preço de 90 centimos á hora, lord Norbury, tornando-se «Nobby», trabalha das 6 horas da manhã ás 6 da tarde.

Um "garçon" de consciencia

— Ouve cá, — diz o freguez, sentando-se e chamando um dos GARÇONS — eu gosto de comer bem. Toma lá a gorgeta adeantada e vamos ver agora o que me recommenda.

O «GARÇON», ACCEITANDO A GORGETA E GUARDANDO-A. — Recommendo-lhe que vá jantar em outro restaurante.

O feio e o bello

ELLA — Seu pai é um desalmado. Você tão pequeno, obrigado a pedir esmolas. Isso é tão feio...
O PEQUENO — Sim, meu pai reconhece que é feio... mas é tão bonito soccorrer os pobres.

Antiguidade do uso dos alfinetes

Os alfinetes são usados desde a primeira metade do seculo XV. Antes dessa epoca, as damas usavam em lugar d'elles espinhas de peixe polidas ou broches de metal.

Os alfinetes são de origem franceza, e ao principio fabricaram-se de ouro, prata, cobre ou ferro, e de consideravel tamanho considerados com os que se usam hoje.

Catharina Howard, que antes de ser esposa de Henrique VIII da Inglaterra esteve em Pariz, levou d'ahi para Londres em 1540 a moda dos alfinetes, os quaes haviam de constituir uma industria importantissima naquelle paiz. Naquella epoca um alfinete era um presente apreciado, e guardavam-se como si fossem preciosidades. Nos seculos XVII e XVIII os alfinetes, até então reservados ás damas de alto cothurno, principiaram a generalizar-se, sem por isso chegar o seu uso a ser tão vulgar como na actualidade.

A colonia Pernambucana a bordo do "Tubantia"

Veem-se na photographia — Dr. J. Bezerra, Dr. Alcoforado e Senhora, Dr. Bastos Tigre, Coronel Egydio Camillo e Familia, Dr. João Lopes e Familia, R. Bandeira-Vaughan, Dr. Soares Brandão e Familia, Dr. Hermann Brandão, Dr. Boulitrau.

Bastos Tigre em Pernambuco

O HUMORISMO VAE TER UM REPRESENTANTE NA CAMARA

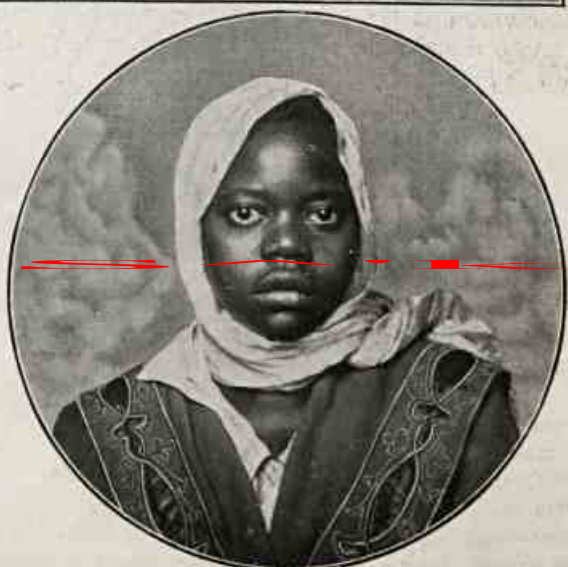
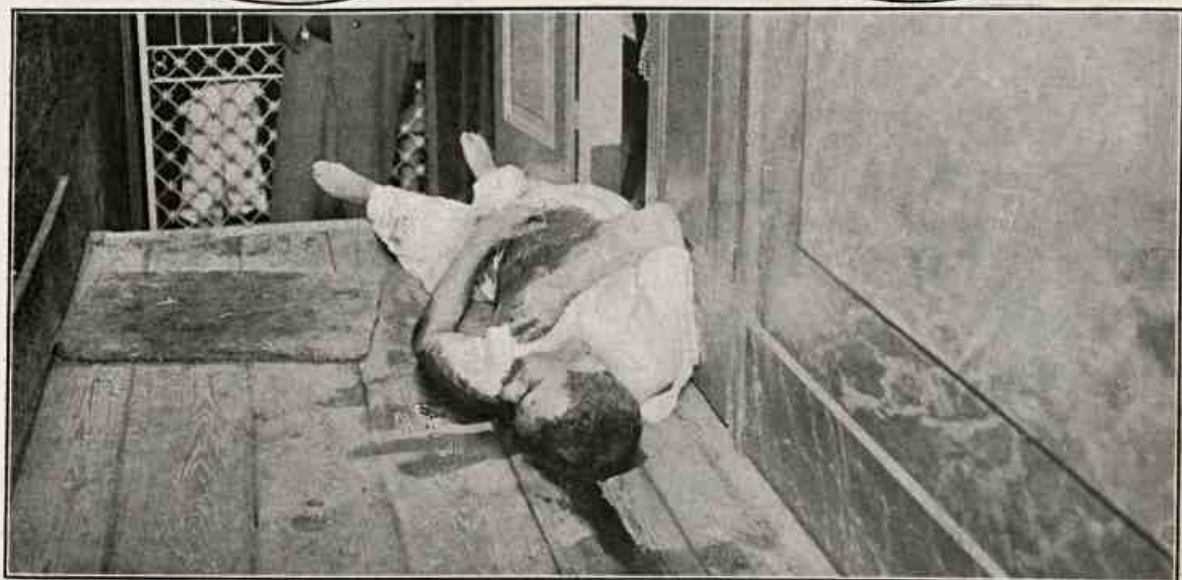
Em companhia do dr. José Bezerra, ministro da Agricultura, seguiu ha dias para Recife o nosso collega Bastos Tigre, funccionario d'aquelle ministerio.

Espirito pratico e conhecedor das realidades da vida, o creador dos «Pingos e respingos» não costuma, como o personagem de Cervantes, illudir-se com MOINHOS DE VENTO, apezar de saber manobral-os admiravelmente...

Como bom funccionario da repartição da Praia Vermelha, o fino humorista poderia CAVAR NA TERRA do seu nascimento a candidatura á deputação federal, na vaga do dr. Manoel Borba que vae ser eleito governador de Pernambuco.

Por uma coincidencia singular são quasi identicas as iniciaes dos dois illustres pernambucanos: Dr. Manoel Bastos Tigre, e Dr. Manoel Borba. E notando-se que este ultimo poderia assignar-se — Manoel Borba Gato — como parente do celebre bandeirante paulista. A eleição redundaria, afinal de contas, numa substituição de felinos; ou melhor, na linguagem de Linneu: FELIX TIGRIS por FELIX CATUS DOMESTICUS.

E Bastos Tigre será na Camara o fiel representante da unica cousa que ainda temos de sério: o humorismo.

O crime da Rua São Valentim

I — O assassino Franklin Soares Pinheiro. II — Amélia Vieira Gomes, noiva do assassino. III — O cadaver de Louças onde cahio. IV — D. Thereza de Jesus Louças, esposa do assassinado. V — A creada Georgina Maria Magdalena.

As responsabilidades de um major da "briosa"

CARTA AO MEU COMPADRE ZÉ BERNARDO

Tenho em mãos a carta em que você, depois de communicar-me que foi nomeado major da guarda nacional, me pede uns conselhos sobre a maneira que se deve portar com a farda.

Para lhe ser franco, compadre, você bateu em portas muito fechadas. Eu de militança nada entendo, da guarda nacional não tenho, siquer, uma patentesinha de alferes. Das coisas marciaes não sei patavina: se você me perguntar o que seja um esquadrão eu não lhe darei resposta, ignoro por completo quantos soldados formam uma companhia e quantas companhias compõem um batalhão. Sou grego, absolutamente grego, em tudo que diz respeito a farda.

De forma que conselhos no sentido estricto da palavra eu não lhe poderei mandar, compadre. Apenas lhe remetto umas vagas indicações e essas mesmas não emanadas dos meus conhecimentos militares que, como já lhe disse não existem, mas resultantes de um pouquinho do traquejo de cidade e da dose modesta do bom senso que, graças a S. Benedicto, o padroeiro do nosso povoado! ainda guia este seu compadre.

Em primeiro lugar é necessario que lhe lembre que você é major. Major é muito tróço. E' mais do que capitão, muito mais do que tenente e do que alferes nem se fala. Você como major deve privar-se de uma porção de seus misteres. Desde já lhe affirmo que lhe não fica bem ir, você mesmo, lavar o seu cavallo na beira do riacho. O Chico Genipapo faz isso com a maior naturalidade, mas é preciso que você se lembre que o Genipapo é apenas capitão e você é major.

Acho tambem que não lhe é mais decente servir de *Pae Francisco*, no *Bumba meu boi*, pelo S. João.

Sei que isso lhe vae desagradar, conheço-o bem de perto e sei quanto você gosta de, em chegando o S. João, metter-se n'aquellas longas barbas feitas de rabo de cavallo, empunhar aquelle cacetão de páo ferro e ir dansar em frente do *bumba* em companhia da mãe Catharina.

Mas chamo a sua attenção para a sua patente. Você para justificar-se trará o exemplo do nosso commum compadre João Picapáo que até dansa debaixo do «boi».

Mas o João Picapáo pode servir de justificativa para outro, menos para você. Elle é tenente e você é major.

Quando você estiver fardado as coisas ainda devem ser mais sérias e apertadas. Por exemplo: esse nosso costume d'ahi de botar a masca de fumo atraz da orelha, quando se vae falar com uma pessôa de cerimonia, deve ser completamente abolido para você. Não digo que o compadre não masque, o que aconselho é que quando tiver que falar com uma senhora ou qualquer outra pessôa de distincção, atire fóra a masca de fumo ou a ponha dentro do bolso da farda.

Aquelle costume que tem o Rufino Maracanã de, nas festas, apresentar-se fardado de capitão, mas com o chapéo de carnauba na cabeça, não me parece ser lá muito recommendavel. Farda é farda, seu compadre, quem está fardado deve estar fardado.

Você quando tiver que ir a alguma cerimonia que fôr indispensavel a pompa do fardamento, farde-se ás direitas: o dolman, a calça, o kepi, a espada e as luvas. Você bem vê como é feio o tenente-coronel Mané Guariba andar fardado com calça de zuarte, como é detestavel ver o coronel Totó Guabirú em grande uniforme, pôr á cinta o facão em vez da espada. Você se lembra do meu tio Damião? Tinha um costume que eu nunca approvei. Quando ia fardado a alguma festa, só chegava no arraial da dita, montado no seu cavallo e de chapéo de sol aberto para dar maior imponencia á sua pessôa. Ora, chapéo de sol nunca deu magnitude a ninguem e, além disso, acabo de saber que é um instrumento absolutamente repellido pela pragmatica militar, isto é, pelo militar fardado.

Já sei que você me vae responder que o sol do sertão não é de brincadeiras e que um homem de trato como você não o pode supportar no cocuruto da cabeça, sem uma empanada protectora.

Mas, compadre, quanto mais um individuo sobe, mais lhe pesam sobre os hombros as responsabilidades. Você é major e deve ter a linha de um major.

Tambem não acho decente que você, estando fardado, ponha a cangalha no seu cavallo. Como você sabe, compadre, eu tenho corrido muito, tenho lidado com muito official da guarda nacional e até hoje não vi um só montar em cangalha, a não ser o major Chico Bento, lá da villa. Mas o major Chico Bento, você bem sabe, é relaxado em tudo, tão relaxado que se farda de chinellos.

Quanto a sua espada, compadre, você deve presal-a o mais possivel. A espada para um official é uma coisa sagrada. Quando você fôr tirar palmito, não a leve. Em primeiro lugar porque não é decente a espada de um militar prestando-se a tirar palmito; em segundo lugar porque a espada é uma coisa fina, tem menos resistencia que o facão e pode quebrar-se quando você a estiver usando. Use o facão que é melhor.

Deve você lembrar-se do coronel Pedro Taboca. Que costume máo tinha elle! Só ia para a roça com a sua espada, e, se encontrava uma melancia de vez, zás! partia a melancia com a espada. Ora, a espada, como já lhe disse, é coisa fina e positivamente não foi feita para partir melancias...

A respeito das luvas você deve tambem ter muito cuidado. E' preciso um pouquinho de paciencia para as calçar. Para que a mão entre melhor dentro dellas, a gente põe um pouquinho de pó d'arroz lá

dentro. Se você não tiver pó d'arroz como é provavel que não tenha, sirva-se de um bocadinho de tapioca que dá o mesmo resultado. Não faça nunca como o capitão Macambira que, para conseguir calçar as luvas de pellica do seu fardamento, untava as mãos de pomada macassá.

Outra coisa que tambem não quero que o compadre se esqueça é do seguinte : — calçar todos os dedos da luva. Sempre me pareceu pouco conhecimento do bom tom o facto do major Tonico Bode ficar com dois ou tres dedos da luva vasios e calçar dois dedos da mão num dedo da luva.

Uma outra recommendação me parece que vem a proposito : quando você, fardado, fôr á villa passear de braço com a comadre não consinta que ella, com o braço mettido no seu, tenha na bocca o caximbão de taquaril comprido. Já me informei a este respeito e me disseram que a mulher de official da guarda nacional, não deve nunca, ao lado deste, ao braço d'este, fumar caximbo.

Parece-me tambem que vôce, ao ir para as vaquejadas, não deve fardar-se. Não é que eu me tenha informado que isto seja contra as regras da «briosa», é pelo facto da má impressão que a farda possa causar aos bois. Como você bem sabe, o boi não gosta das côres vivas e brilhantes. Ao ver um panno vermelho ou outra qualquer côr berrante investe e marra. Ora, a sua farda com os botões a scintillar, com as côres vivas da gola e os debruns, pode muito bem despertar os impetos dos garrotes e um delles pode investir para você e lá se vae o major e o meu compadre.

São essas as informações que eu lhe tinha a dar. São incompletas, bem sei, mas o compadre com o seu fino espirito de homem traquejado na sociedade da nossa povoação por ella se poderá guiar de maneira que não deslustre a sua patente.

Seu compadre e amigo

Viriato Corrêa

Decididamente tudo é longo na vida, excepto a vida. — A. Schoul.

CONTA REDONDA

O famoso musico Glück, ao passar um dia pela rua Saint-Horoné, em Pariz, quebrou accidentalmente, com um movimento brusco, um vidro da porta de uma loja, o qual valia apenas um franco.

Glück apressou-se em idemnizar o dono do estabelecimento do pequeno prejuizo que lhe causara. Para isto entregou uma moeda de dous francos ao lojista, que depois de vasculhar na gaveta do balcão lhe disse:

— O caso é que não tenho aqui um franco para lhe dar de trôco. Queira esperar um momento emquanto eu vou trocar...

— O' não vale a pena, respondeu Glück. Não se incommode : eu quebro outro vidro e arredondo a conta.

E assim o fez.

Pontos de contacto

Ella — São tão nobres estes sentimentos. Alem disso ha pontos de contacto entre o infortunio dos belgas e o martyrio dos cearenses.

Elle — Effectivamente, minha senhora. O cardeal Mercier e... o padre Cicero, por exemplo.

TEMPOS IDOS

220o ANNIVERSARIO DA MORTE DE BASILIO DA GAMA

Fazem hoje 220 annos que falleceu em Lisboa o poeta José Basilio da Gama, nascido na villa de S. José do Rio das Mortes, Minas Geraes, em 1740.

O seu talento, intelligencia e grande cultura valeram-lhe a protecção do marquez de Pombal. Era noviço da Companhia de Jesus quando cahiu sobre ella o golpe de Estado, fulminado pelo poderoso ministro de D. José I.

Do seu formoso poema URUGUAY disse Garret: «E' o moderno poema que mais merito tem na minha opinião. Scenas naturaes mui bem pintadas, de grande e bella execução descriptiva; phrase pura e sem affectação; versos naturaes sem ser prosaicos) e, quando cumpre, sublimes, sem ser guindados. Os Brasileiros principalmente lhe devem a melhor corôa de sua poesia, que nelle é verdadeiramente nacional, e legitima americana».

Nos primeiros versos do poema vê-se o portico condigno do monumento, sente-se o sôpro epico a prenunciar prelios heroicos:

«Fumam ainda nas desertas praias
Lagos de sangue, tepidos, impuros,
Em que ondeiam cadaveres despidos,
Pasto de corvos! Dura inda nos valles
O rouco som da irada artilharia...»

E' justamente elogiado o episodio, tão mimoso e tão tocante da morte da misera Lindoya, de quem disse o poeta:

«Inda conserva o pallido semblante
Um não sei que de magoado e triste,
Que os corações mais duros enternece...
Tanto era bella no seu rosto a morte!»

Diz a tradição que um frade, que assistira os ultimos momentos de Basilio da Gama queimara muitas tragedias e alguns poemas do auctor, encontrados em um armario, tendo escapado deste auto de fé as peças já impressas e outras guardadas em lugar seguro.

C.

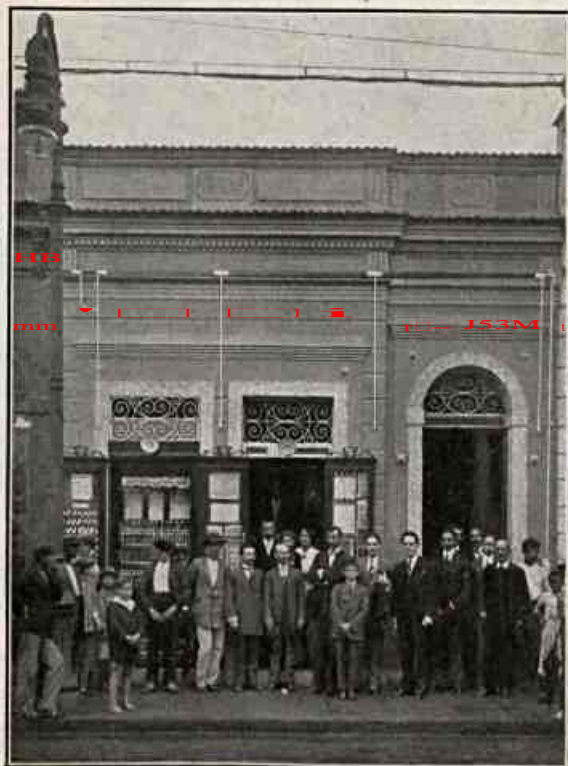
Um pedaço de pão secco comido em harmonia vale mais que mesa lauta onde a discordia vigia.

Na recepção de Mme. X.:

— E seu marido, minha senhora? Sempre bem?

— Perfeitamente. Ha seis mezes que anda viajando; mas eu obriguei-o a escrever-me de todas as terras por onde passa.

— Vejo que após cinco annos de casada, conserva o mesmo enthusiasmo dos primeiros dias.

— E' porque faço collecção de sellos.

Predio 112 da rua Senador Euzebio onde funciona A Nova Esmeralda. Na porta do centro está o seu proprietario o Snr. Caetano Aversa e sua Exma. esposa.

Reportagem Photographica

A's 12 horas do dia 22 de Julho do corrente anno, inaugurou-se á rua Senador Euzebio n.o 112, a importante joalheria «A Nova-Esmeralda». Este novo estabelecimento que vae ser de certo um dos mais preferidos da Cidade Nova, não só pela sua bôa installação, como tambem pelo tirocinio completo que tem o seu proprietario o Sr. Caetano Aversa, nome soberanamente conhecido no commercio d'esta praça, tem completo sortimento de joias de ouro de lei, relogios para homens e senhoras, dos melhores fabricantes, artigos de phantasia para presentes, pendulas para paredes, oculos e pince-nez, gramophones e chapas das mais afamadas fabricas, e muitos outros artigos que vende a dinheiro e a pequenas prestações.

Aos presentes foi servido um delicado «lunch» fallando por essa occasião o Sr. Joaquim Carlos Barroso quê, felicitou o seu proprietario pela sua coragem que, enfrentando a crise, póde realisar uma de suas grandes aspirações, respondendo este, agradecendo. Dentre os inumeros amigos que compareceram a inauguração da «A Nova-Esmeralda», podemos tomar nota dos seguintes: Dr. Paulo E. Brazil, Capitão Carlos Leal da «Epocha», Professor Joaquim Carlos Barrozo, director do collegio Barrozo e muitos outros.

PAIZ RICO

O meu amigo e collega Juvenal Calheiros é um pai exemplar que cuida com toda a solicitude da educação dos filhos. Procura bons collegios, informa-se dos professores, segue as lições dos meninos — isto tudo sem o menor desfallecimento.

De resto, elle é um patriota, crente na grandeza do Brazil, nas suas riquezas e no seu futuro; põe, portanto, todo o seu esforço em instillar no espirito dos seus pimpolhos essa sua forte e virtuosa crença.

Damo-nos muito, desde o collegio primario, e frequento-lhe a casa, vivo na intimidade de sua familia, o que me dá grande gosto, pois, não tendo propriamente familia, aprecio muito a familia dos outros.

Não sendo rico, tem Juvenal alguma cousa e vive com certa abastança, em uma bôa casa lá das bandas de Villa-Isabel.

Domingo, não tendo onde ir, nem mesmo ás festanças da Quinta da Bôa Vista, cujos recantos, cuja placidez, cuja magestade de parque principesco me encantam muito, quiz ver o meu amigo.

E' preciso que eu lhes diga que não fui á Quinta, porque não vou a lugares publicos quando se paga. Julgo que, podendo eu ir sem pagar a certo lugar, não vou gastar dinheiro para lá ir. Nesse ponto, não sou como o resto do Rio de Janeiro.

Continuo a narração. Tomei o bonde conveniente e parti para a casa do meu amigo, apreciando o domingo, cheio de rapazes endomingados, de damas de laçarotes, de automoveis pejados de gente, de jogadores de *foot-ball*, de amadores de corridas, — gente feliz por ter um dia em que não faz nada.

Cheguei em bôa hora á casa do meu amigo que conversava na chacara com a familia. Ainda liam, elle e os filhos, os jornaes.

Não quiz interromper-lhes a leitura e acceitei um jornal para, relendo-o, não impedir a leitura delles.

A dona da casa estava no interior tratando de negocios caseiros.

Num dado momento, um dos filhos do meu amigo, descançando os jornaes, perguntou ao pae:

— Papae, o Brazil não é um paiz muito rico?

— E'.

— Tem ferro?

— Tem.

— Tem cobre?

— Tem.

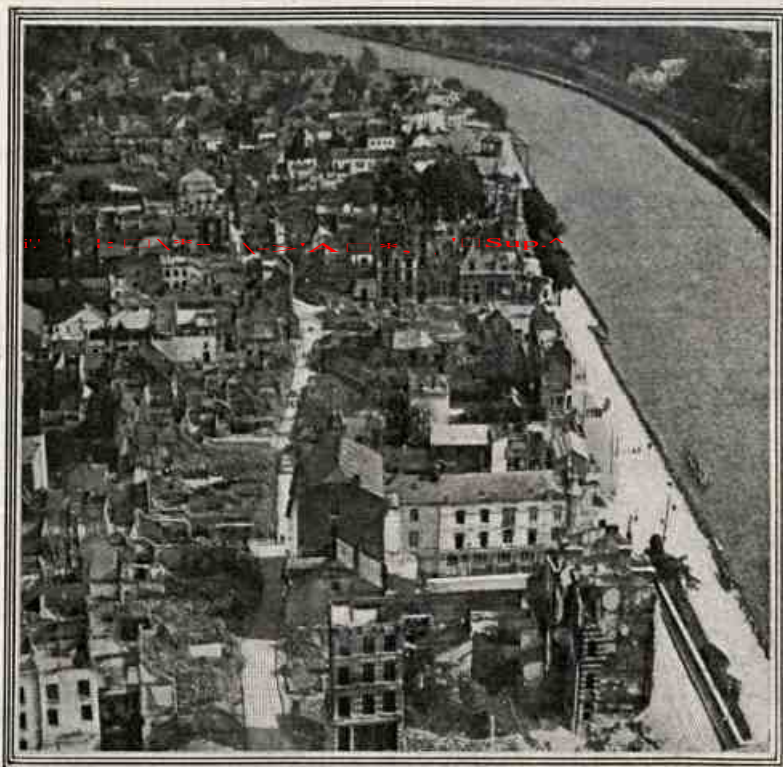
— Tem zinco?

— Tem. Porque tu perguntas isso?

— E' que vejo os jornaes muito indignados porque querem exportar ferro velho, cobre, etc. Se nós temos ferro, cobre na terra, porque tal zanga?

A dona da casa veiu convidar-nos para o almoço.

J. Caminha

DINANT

As ruas de Dinant já foram desobstruidas

AVÓ AOS 28 ANNOS

Vive na aldeia de Tahata, perto de Tokio, Japão, uma mulher chamada Kuni Midzukami que, certamente, é a avó mais moça que existe actualmente no mundo, pois conta apenas 28 annos. Casada aos 13 annos, téve uma filha, contando esta, presentemente, 14, e já tendo um filho pois casou-se aos 13 annos.

Kuni Midzukani tem ainda viva uma avó, de 92 annos de idade.

Perguntando-se a Thales de Mileto qual era a cousa mais difficil de encontrar, respondeu: Um tyranno velho.

INSTANTANEO

Na Avenida Rio Branco

Um pouco de tudo

Melhoramento do carvão

A agua do mar empresta vigor ao corpo, na opinião de muita gente. E' essa a explicação da voga de que gosam os banhos de mar. A thalanotherapia não se aplica só aos homens mas tambem ao... carvão. Essa é uma de suas aplicações menos conhecidas, porém das mais positivas.

Verificou-se que o carvão encontrado a bordo de navios naufragados, e trazidos á tona depois de alguns annos de imersão na agua salgada se queimava melhor do que o carvão comum.

O governo inglez resolveu fazer experiencias oficiaes do assumpto.

Em 1903 submergiu no mar grande quantidade de carvão de pedra. De então para cá, em epocas determinadas, uma quantidade é retirada e queimada. Verifica-se que quanto mais longa é a imersão, melhor se queima o carvão, deixando apenas um pouco de cinza e quasi nenhum residuo.

Um dollar de milho

Uma das curiosidades expostas pelo Estado de Iowa na Exposição Panamá-Pacific, é a representação de um dollar de prata, feito de milho, e reproduzindo exactamente o original, porém com quatro pés de diametro. A curiosa moeda assente em um pedestal tambem feito de milho, no qual é representada uma scena campestre. Cerca de 250 mil grãos de milho foram empregados na construção, e colados na armação de madeira representando a moeda de dollar. Os americanos apreciam as cousas curiosas e dificeis. O bom gosto é materia secundaria.

Aplicações para o alcool

O destino original do alcool é o estomago, isto é, a cabeça do consumidor. A Russia, no principio da guerra teve de prohibir a venda do «vodka», o terrivel paraty moscovita. Essa medida porém estabelecia um problema sério. Que destino dar á grande quantidade de alcool subtrahida ao consumo pela prohibição ? Para resolver esse problema o governo russo ofereceu premios, que montam reunidos a 600 contos da nossa moeda, pelo invento de processos por meio dos quaes as bebidas espirituosas se possam converter em substancias utilisaveis em uso domestico, industrial ou tecnico.

Os premios são sete, o maior dos quaes de cerca de 200 contos, cada um destinado a remunerar o invento de um processo especial. Os memoriaes, em francez e russo, devem ser apresentados ao governo até 16 de janeiro de 1916, e a idéa proposta deve ser de natureza a acarretar um consideravel consumo de alcool.

Aos filatelistas

Em comemoração da abertura do Canal do Panamá foi emitida uma série especial de selos postaes, que se acham á venda nas agencias da zona do canal. Os selos são emitidos pelo governo do Panamá. Conforme acordo com os Estados Unidos os selos da zona do canal são da Republica Panamense, que percebe 40 % do seu valor. São de quatro estampas : 1, 2, 5 e 10 centimos. O selo de um cent. é verde e contém um mapa do canal. O de 2 cents. vermelho, com uma gravura de Balbia e do Oceano Pacifico. O de 5 cents. é azul ; a gravura representa as comportas de Gatun. O de 10 cents. é alaranjado e tem uma vista do córte de Culebra.

X.

INSTANTANEO

Na Avenida Rio Branco

MEDICINA EM PILULAS

Sendo a gotta hereditaria, deve-se evitar o casamento entre pessoas attingidas de manifestações desta diathese. — DR. BORDIER.

*

Um somno profundo, calmo, de uma certa duração, é o melhor meio de separar nossas forças gastas tão largamente durante o dia. — DR. GELINEAU.

*

Rheumatismos chronicos, fixos ou moveis, têm-se curado, sem inconveniente algum, pelas duchas frias com ou sem sudação prévia. — DR. FLEURY.

*

Antes das refeições, um exercicio moderado, provocando o appetite, favorece a digestão. — DR. LE BLOND.

*

As molestias do figado, as colicas hepaticas ou renaes, podem ser felizmente modificadas pelos vomitos do enjôo de mar. — DR. CH. LÉVEQUE.

*

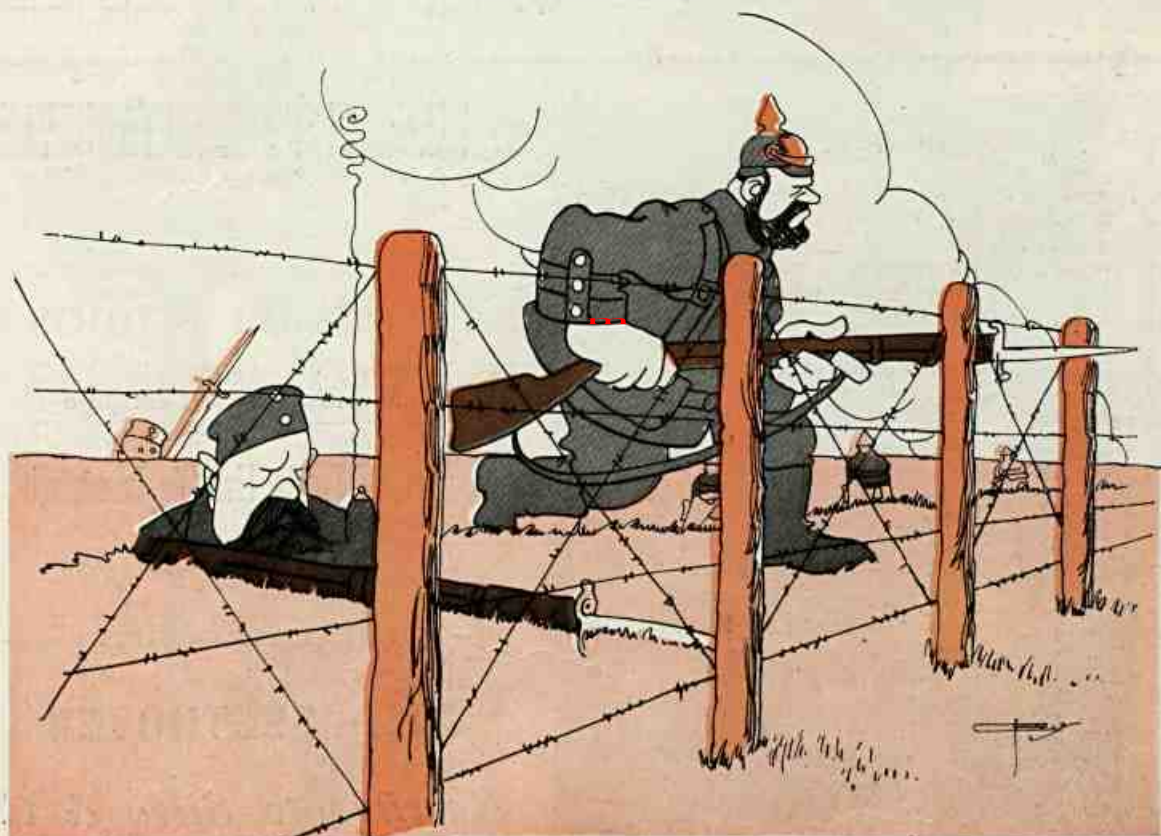
Na dyspepsia atonica, um sinapismo, ou um saquinho de areia quente sobre o epigastro estimúlam o acto digestivo. — DR. FOUSSAGRIVES.

*

Os balsamos de terebentina, de tolú, o alcatrão, podem ser empregados com vantagem nas bronchites chronicas. — DR. FOUSSAGRIVES.

*

Com a essencia de terebentina pode-se conjurar os accidentes de um envenenamento pelo phosphoro. DR. HAMELIN.

Nas trincheiras

— Que foi ? Vês alguma coisa ?
— Sim, vejo um ponto preto no horizonte.
— Deve ser um senegalez.

Bando precatorio dos "chauffeurs"

Esteve realmente imponente o bando precatorio levado a effeito terça-feira passada pelo Centro de Chauffeurs do Rio de Janeiro.

Mais de cem automoveis desfilaram pelas ruas mais transitadas da cidade, angariando donativos para as victimas da secca do nordeste brazileiro.

Quasi todos elles levavam commissões de moças e rapazes, sendo que alguns traziam letreiros de appello á generosidade publica.

Alguns commerciantes de nossa praça concorreram com seus productos, destacando-se entre todos o dono de uma Drogaria situada á rua 1º de Março, o qual n'um gesto humanitario deu 20 duzias de Dynamogenol para os nossos patricios que estão soffrendo no norte os horrores de um sol abrazador.

Foi uma feliz idéa, esta, porque o Dynamogenol é incontestavelmente o melhor gerador de forças que a medicina moderna conhece.

Do 1º ao 21 o mez de Agosto é governado pelo LEÃO, e do 22 ao 31 pela VIRGEM. O LEÃO é um signo de fogo. Os que nascem sob sua influencia podem chegar á fortuna e á gloria; elle dá o gosto do luxo e dos prazeres, mas acarreta muitas vezes luctas e discordias nas familias. O LEÃO faz esperar heranças ou ganhos nas loterias.

AS PESSÔAS NASCIDAS NO MEZ DE AGOSTO

1 — São orgulhosas, vaidosas, suppondo-se muito consideradas por uns e invejadas por outros.
2 — Caracter violento, coleras perigosas.
3 — Amor dos prazeres mundanos e dos «sports» violentos.
4 — Dedicação á familia, gosto do bem estar.
5 — Espirito reflectido, firmeza, constancia, lealdade.
6 — Indolencia, desanimo, aversão aos trabalhos, inclinação aos vicios.
7 — Caracter firme, calmo. Bôa estrella, riqueza.

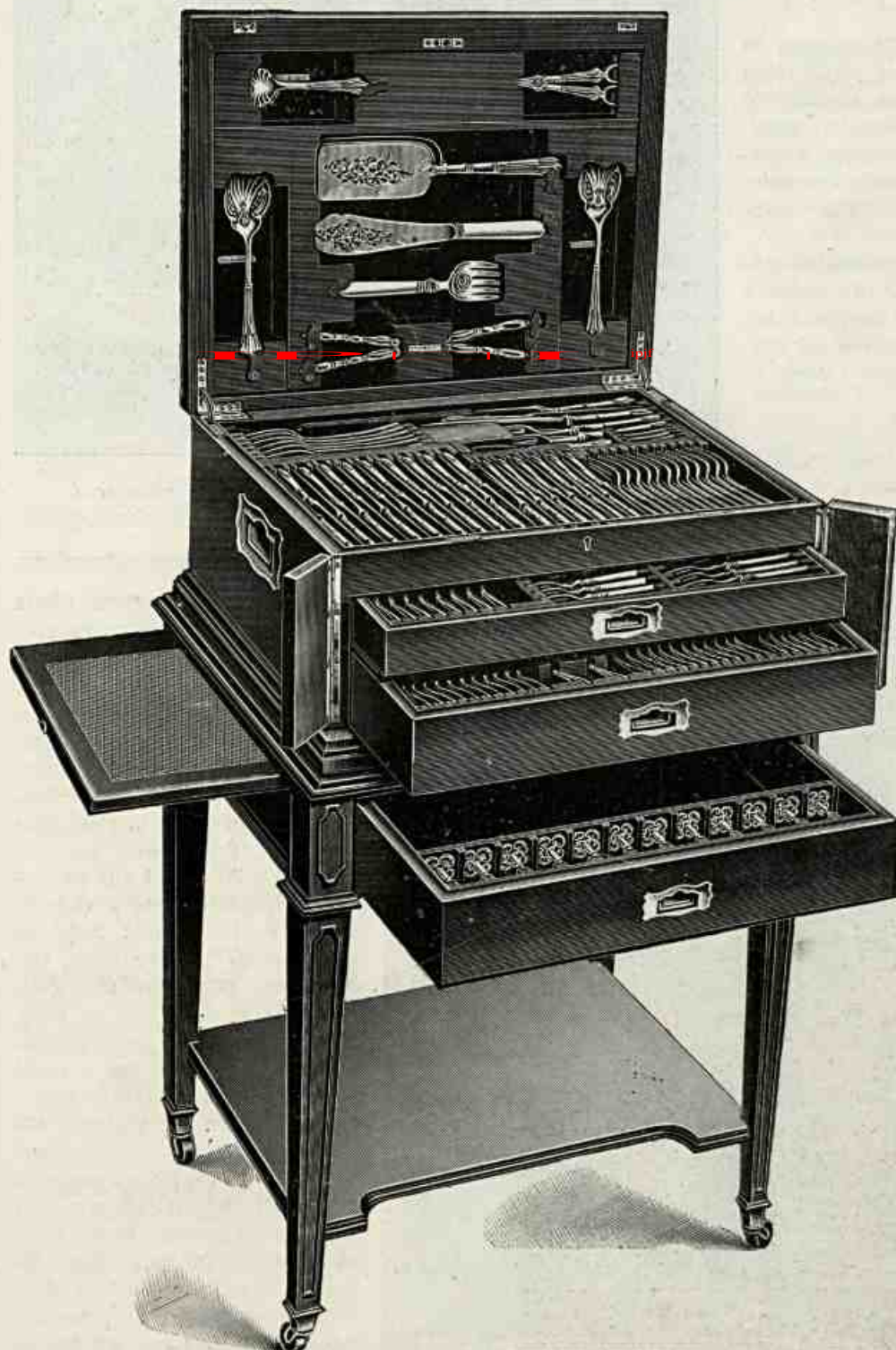
CAIXA
115

Mappin & Webb

Teleph. 489
NORTE

Fabricantes da afamada "PRATA PRINCEZA"

Faqueiro

ооо

Variedade em feitios de moveis, e em quantidade de peças da afamada "Prata Princeza" e de Prata de lei (contrastada pelo Governo Inglez)

ооо

A todos os preços.

ооо

Ao alcance de todos.

ооо

Venda avulsa de talheres e mais peças que constituem um faqueiro.

100 OUVIDOR — RIO DE JANEIRO

As victimas da guerra

Como morrem os intellectuaes francezes

Acaba de ter morte gloriosa, no campo de batalha, o jovem sabio francez Jean Chatanay, ex-discipulo da Escola Normal Superior, aggregado de sciencias naturaes e que, como director do Posto Entomologico do Marne, fez importantes descobertas.

Attingido por uma bala no ventre, no momento d'uma carga a baioneta, á frente dos seus homens, teve apenas tempo de murmurar: «Minha mulher, meus filhos, meu CARNET.»

Nesse CARNET, que tanto o preoccupava, foi encontrada uma carta com a seguinte menção: «A entregar em caso de morte.»

Eis o conteúdo dessa ultima missiva dirigida á sua mulher:

«Escrevo-te esta carta ao acaso porque... não se sabe o que pode succeder! Si a receberes é porque a França teve necessidade de mim até o fim. E' necessario não chorar, porque, juro-te, morrerei feliz, si por ella devo dar a vida... Até mais vêr... Promette-me que não maldirás a França, si ella me quizer inteiramente... Até á vista, lá em cima!... Sê forte! Beija por mim os meus queridos filhos. Dir-lhe-ás que parti para uma longa viagem, sem deixar de os amar, de pensar nelles e de protegel-os de longe. Desejaria que a nossa primogenita se lembrasse de mim... Haverá tambem um pequeno cherubim, bem pequenino, que não conheci: si é um filho, o meu voto é que seja medico, a menos que, depois desta guerra á França tenha ainda necessidade de officiaes. Tu lhe dirás, quando elle tiver idade de comprehender, que o papae deu livremente a vida por um grande ideal: o da nossa patria reconstituida e forte.»

DINANT

Com o começo da primavera essa pequena casa commercial recomeça o seu negocio

Um pequeno trafico sobre a ponte restaurada em Dinant.

DINANT

Uma pequena casa de negocio entre pilhas de destroços

Libertadores de povos

VI

ABD-EL-KADER, emir (1806-1883). — Prega a guerra santa contra os Francezes (1832) e lucta durante quinze annos, passo a passo, com os melhores generaes francezes. Submette-se em 1847.

* * *

KOSSUTH (Luiz), homem de Estado hungaro (1802-1894). — Reclama a liberdade de imprensa, etc. Chefe do partido nacional (1848), derrota um exercito austriaco, proclama a independencia da Hungria (1849); mas os Austro-Russos esmagam os Hungaros.

* * *

MANIN (Daniel), homem de Estado veneziano (1804-1857). Proclama a Republica e expulsa os Austriacos de Veneza (1848), sustentando alli contra elles um cerco de um anno.

* * *

GARIBALDI (Giuseppe), «condottiere» italiano, 1807-1882). — Sustenta com sua espada a revolução italiana (1848), e a independencia (1859); expulsa os Bourbons da Sicilia e de Napoles (1860). E', com Victor-Emmanuel II e Cavour, o creador da unidade italiana.

* * *

JUAREZ (Benito), presidente da Republica do Mexico (1809-1872). — Lucta pelo partido federal (1857-1859), depois chama ás armas a nação inteira, em face da invasão franco-anglo-hespanhola (1861); após a partida dos Francezes, venceu e aprisionou o imperador Maximiliano, que foi fuzilado (1867).

ELLE: — Si eu morresse, tu choravas?

ELLA: — Que pergunta! Bem sabes que sou facil em chorar até pelas coisas mais insignificantes.

Um pequeno abrigo construido dentro dos remanescentes de uma grande casa commercial

Os grandes tratados de paz

IV

Andrinopla (setembro de 1829).

PARTES CONTRACTANTES. — França, Inglaterra, Russia e Turquia.

CLAUSULAS ESSENCIAES. — Independencia da Grecia. A Russia adquire o delta do Danubio e o protectorado da Servia, da Moldavia e da Valachia.

CONSEQUENCIAS. — Fim da guerra da independencia hellenica. Questão do Oriente.

•

Londres (27 de Julho de 1839).

PARTES CONTRACTANTES. — Inglaterra, França, Hollanda, Belgica.

CLAUSULAS ESSENCIAES. — Reconhecimento da independencia da Belgica.

CONSEQUENCIAS. — Applicação do principio das nacionalidades.

•

Convenção dos estreitos.

PARTES CONTRACTANTES. — França, Inglaterra e Turquia.

CLAUSULAS ESSENCIAES. — Os Dardanellos e o Bosphoro fechados aos navios de guerra de todas as potencias.

CONSEQUENCIAS. — Annullação do tratado de Unkiar-Skelessi (1833) para a Russia.

•

Paris (30 de Março de 1856).

PARTES CONTRACTANTES. — França, Russia, Turquia, Inglaterra, Prussia, Sardenha.

CLAUSULAS ESSENCIAES. — Integridade do Imperio Ottomano; neutralidade do mar Negro.

CONSEQUENCIAS. — Regularização provisoria da questão do Oriente.

•

Zurick (10 de Novembro de 1859).

PARTES CONTRACTANTES. — França, Austria e Piemonte.

CLAUSULAS ESSENCIAES. — Reunião da Lombardia ao Piemonte; restabelecimento dos ducados de Modena, Parma e Toscana.

CONSEQUENCIAS. — Começo da unificação italiana.

Canhenho de um jornalista da roça

Quando os bois vão dois a dois, a lavoura vae melhor. — SEDAINE.

*

Quando a gente morre, é por muito tempo. — DÉSANGIERS.

*

Quando mais isto muda, mais é a mesma cousa. — ALPHONSE KARR.

*

Amor, amor, quando nos dominas, pode-se dizer: Adeus, prudencia! — LA FONTAINE.

*

O homem, nascido livre está por toda a parte escravisado. — J. J. ROUSSEAU.

*

Nenhum caminho de flôres conduz á gloria. — LA FONTAINE.

*

Quem bem ama bem castiga. — A. RIGAND.

*

Ventre faminto não tem ouvidos. — LA FONTAINE.

*

O homem é um deus cahido que se lembra dos céos. — LAMARTINE.

*

Nada nos faz tão grandes como uma grande dôr. — A. DE MUSSET.

*

O tedio nasceu n'um dia da uniformidade. — LA MOTTE-HOUDARD.

Está certo?

Eis um problema que encontramos numa revista franceza: «Si six scies scient six cigares, six cent six scies scient six cent six cigarres».

Historia de um infeliz

João Bernardo, natural do Ceará, chegou ha pouco tempo ao Rio de Janeiro n'um estado de fazer dó.

Esqueletico, com uma anemia profunda, barbas pendidas sobre o peito, esse infeliz parecia um phantasma.

Viera no porão de um navio nacional, na esperança de encontrar no Sul a saude perdida, e, pelo trabalho, conseguir os meios necessarios de subsistencia.

Uma vez desembarcado nesta cidade, o desgraçado andou perambulando pelas ruas, implorando a caridade publica, maltrapilho, — como um mendigo.

Certo dia, extenuado pelo cançaço, tombou sem forças, no batente do portão d'um palacete da rua Conde de Bomfim, onde residia uma familia hospitaleira.

Soccorrido carinhosamente, João Bernardo recobrou a falla, matou a fome e contou o martyrio de sua vida. Foi então hospedado n'uma das dependencias do fundo da casa e tratado com solicitude.

Depois de tomar alguns frascos de Dynamogenol, o infeliz tornou-se forte, robusto e é hoje um homem disposto, sadio e trabalhador.

O

PARC ROYAL

em cujas 23 secções os sortimentos de todos os artigos continuam a ser constantemente renovados pelas mercadorias regularmente recebidas da França, da Inglaterra e dos Estados Unidos,

é o unico estabelecimento onde convem comprar, porque tem de tudo, tudo é bom e tudo vende barato.

EM EXPOSIÇÃO :
ULTIMAS NOVIDADES PARA INVERNO

EM DISTRIBUIÇÃO :
CATALOGO DE ARTIGOS PARA INVERNO

O PESCADOR E O MARINHEIRO

(Zoltan Ambrus)

Dos escriptores húngaros contemporâneos é ZOLTAN AMBRUS considerado o possuidor de mais qualidades artisticas. Espirito muito culto, chamam-n'o o Flaubert hungaro. Publicou varios volumes *A verdadeira paciencia de Griselidis*, paraphrase engenhosa do conto de Boccacio e *Giroflé Giroflá* considerada a sua obra prima, um admiravel romance de amor, de uma psychologia profunda, de forma e estylo impeccaveis que o tornam uma das obras mais notaveis da literatura moderna.

* * *

Inice estava sentada junto á janella e contemplava o mar.

E como estava só, devaneava:

«Como devem ser felizes as mulheres que vivem lá longe, além mar! Ellas contemplam o sol e vestem-se de veos de brilhantes cores que lhes giram em torno quando dansam! Passeiam de dia em palanquim e á noite, logo que a lua se mostra no horizonte, os suaves sons dos sinos despertam-n'as, luzes se acendem na praia e barcos as levam sobre as aguas dos lagos encantados! Uma voz na calma da noite lhes murmura: «Meu amor, eis o astro da noite!» e chegando á praia perto das flôres aquaticas, dansam aos sons dos hymnos nupciaes com guerreiros e marinheiros alegres! Ah! Como devem ser felizes as mulheres que moram além mar!»

Inice olhou o relogio cujo ruido monotono repetia: «Longe d'aqui!... Longe d'aqui!»

«Oh! sim, longe d'aqui, suspirou a pobre mulher do pescador. Do logar onde estou, só ouço assobiar o vento e mugir o mar...; o quarto é tão estreito, tão escuro e eu estou aqui tão só! Meu Deus! Como devem ser felizes as mulheres d'além mar!»

«Longe d'aqui!... Longe d'aqui!» repetia, monotono, o *tic tac* do relogio...

E eis que seu marido, o pescador, entra.

O suor molhava-lhe a fronte, a neve cobria sua barba rude, e o duro labor queimara-lhe o rosto. Camarões e peixes palpitavam na rêde que trazia ás costas.

— Brr...!! gritou o pescador. Palavra, mais vale estar lá fóra do que aqui! Porque não accendeste o fogo?

Inice pensou na voz perto do mar que murmurava docemente: «Meu amor, é noite de luar!»

Sem responder levantou-se para accender o fogo.

Entretanto o pescador jogava ao chão a rede; depois esfregando as mãos disse á sua mulher:

— Olha que bellos peixes! O rei não os terá melhores! Hein! Que bella pesca!

E dizendo isto poz-se a rir alegremente.

— E' verdade, respondeu Inice.

Ella pensava nos marinheiros vestidos de azul que dansam ao clarão da lua, com as moças dos bellos veos.

Mas o pescador dirigindo-lhe olhares ferozes:

— Está bem! Porque não exclamas: «Oh! que bellos peixes! Que bella pesca!»

— Que bellos peixes! Que bella pesca! disse Inice.

E o *tic tac* da pendula disse por seu turno: «Ah! que bella pesca! Oh! que bellos peixes!»

— Vamos, senta-te sobre os meus joelhos, disse o pescador.

Inice obedeceu sem olhar seu marido.

Seus olhos não viam mais do que a noite, pela janella.

— Que olhas assim pela janella?

— Os barcos que vão para o sul.

— Não são barcos, são nuvens. Tomas agora as nuvens por barcos?

— Sim, respondeu machinalmente Inice.

Levantou-se dos joelhos do marido, depois preparou e serviu sua frugal refeição.

O pescador comeu gulosamente, bebendo mesmo pela garrafa.

Inice que via os grandes bocados desapparecerem, pensava nos bellos marinheiros de cintos azues que, lá longe, atraz das grandes aguas, bebiam cantando nos jardins illuminados e comendo bocados delicados.

— Então não comes? ralhou o pescador.

— Não estou com fome.

— Prova este peixe.

Inice abanou a cabeça.

— Afinal de contas que tens tu?

Inice ficou silenciosa.

Então o pescador limpou a bocca e disse, olhando fixamente sua mulher:

— Tu não comes! Não bebes! O que é que tu tens? Teu bello vestido ainda não está velho e eu te comprei uma saia vermelha pela Paschoa.

— Não tenho precisão dessa saia.

Suspeitou o pescador então que sua mulher tinha um segredo que lhe roia o coração.

— E' curioso, disse elle, pensava que nada te faltava! Nossa cabana é solida; apenas meu amigo o vento faz tremer as janellas.

Temos lenha para nos aquecermos, um bom leito para dormir e minha rêde para nos alimentar; tu te vestes tão bem como as outras e no domingo na igreja és de todas a mais bella! Então dize-me o que tens?

— Tenho mêdo quando estou sozinha.

O pescador olhou o quarto por todos os lados, como se procurasse alguma cousa.

— Só? Então estás sozinha?

— Sim, quando partes para pesca eu fico sozinha desde a manhã até á noite.

— E tu não vaes palestrar com a vizinhança?

— Eu bem o queria, mas ellas vão todas lavar a roupa dos seus filhos.

— Porque não conversas com meu filho?

— Elle é ainda muito creança; e alem disso é cégo e não conhece as côres nem as formas.

O pescador dirigiu-se para o berço onde repousava o menino cégo e disse:

— Prefiro antes dormir do que conversar.

Inice sem responder baixou os olhos para o chão.

O pescador contemplou um momento seu filho adormecido; depois voltando-se para sua mulher:

— Então tu te sentes só! E' engraçado! Eu, repara, nunca estou só! Conheço um tal Djimi, um homem do mar com o qual converso algumas vezes dias inteiros! E' um rapaz muito divertido este Djimi; elle me conta sempre historias tão engraçadas... estou certo de que te divertirias si o ouvisses...

— Tu te divertes, disse Inice e eu... eu tenho mêdo, eu tremo... O furacão ruge pela minha janella!

— O raio que fere os grandes navios, poupa os pequenos.

— Sim, mas ha mulheres que vivem ao sol! Têm no pescoço collares de coral, flores na cintura e dansam até a noite! Eu tambem desejaria dansar! Sou ainda moça.

O pescador olhou sua mulher estupefacto. Depois poz-se a reflectir como fazem os humildes quando querem comprehender um problema.

— Escuta, Inice, vou te dizer uma cousa. Não foi hoje que veio esta idéa... Djimi della me tem fallado muitas vezes... Eil-a: quer fiques ou partas, minha

pobre choupana será sempre tua. Si ella te é sufficiente, continuarei a amar-te; si tu a deixares procurarei esquecer-te. Si tu te fores, e mais tarde quizeres voltar, acharás sempre a porta aberta, porque eu me habituei ao fogo do teu olhar e ao som calmo da tua voz. Repara entretanto que se me deixares e depois voltares, não me ouvirás falar-te... nunca mais... Terás sempre tecto e alimento mas a mim, nunca mais me acharás. Sabes bem, não é, o que querem dizer estas palavras; nunca mais! Eis o que eu queria te dizer, Inice; e agora não falemos mais destas cousas tão más.

E o pescador encheu seu cachimbo, cantarolando uma modinha, a modinha do pescador feliz.

Inice guardou silencio. Despiu-se lentamente, recitou a oração da noite, fez o signal da cruz e deitou-se. Antes de dormir, murmurou ainda:

— Como devem ser felizes as mulheres que moram para além do grande mar!

II

Bom-dia! gritou um marinheiro parando deante da janella.

Inice sentiu que corava desde a raiz dos cabellos até as unhas; e languida respondeu:

— Bom dia.

— Que fazes ahi, minha bella, em tua casa?

— Cuido de um pobre menino que é cégo, disse Inice levantando os olhos para o ceu.

— Abre-me a porta, pediu rindo o marinheiro.

Eu te contarei historias dos paizes que estão além mar...

— E' impossivel, respondeu a moça, meu marido não está em casa.

— Ah! Ah! queres que zombem de ti! chacoteou o marinheiro. Isso não se passa assim entre nós do outro lado do mar.

— Mas entre nós é o costume, balbuciou Inice.

— Dir-se-ia que tens mêdo de mim.

— Eu? Não temo o vento nem a tempestade; como posso ter medo de ti? Entra si queres.

O marinheiro entrou na cabana, sentou-se no escabello do pescador, bebeu na sua cabaça, depois olhou em torno de si.

— Teu marido não fuma?

— Sim, respondeu Inice.

Encheu, ella mesma o cachimbo do pescador; o marinheiro acendeu-o e delle tirou grossas baforadas de fumo.

— Hum! fez o marinheiro lançando em torno de si um olhar circular; isto me parece um pouco pobre, aqui.

Inice enrubeceu de novo.

— E' verdade, respondeu ella, mas falemos de outra cousa. Dize-me antes... dize-me o que se faz entre vós outros, além mar.

— Escuta, tenho uma bôa idéa; meu barco parte amanhã, vem vel-o tu mesma.

— E' impossivel, respodeu Inice; é preciso que fique aqui para tratar do céguinho.

O marinheiro poz-se a rir e disse aproximando-se:

— Vejamos, tu gracejas. Não nasceste para ser enfermeira! Mira-te um pouco em teu espelho si possues algum. Teu rosto é mais bello do que o das moças de lá! Teus olhos têm as luzes eternas que brilham no templo de Parsavanath.

Porque se urde a seda maravilhosa si não é para te vestir? Porque lança o sol seus raios si não para illuminar tua felicidade? Entretanto trazes uma saia de linho e vives numa negra e fria cabana, embalas em teus braços de rapariga o filho d'uma outra; e emquanto as que são menos bellas do que tu se mostram de dia aos sons das musicas divinas, tu não tens para te acordar mais do que os gemidos do vento.

Inice interdita calava-se. Ella não comprehendia a significação toda dessa linguagem, mas o pouco que podia comprehender lhe bastava já.

— Escuta, continuou o marinheiro, lá para onde eu vou, o ar é embalsamado em um ceu que é um perenne sorriso! O calor do sol é suave como a caricia d'uma virgem e a brisa que brinca de manhã com a cabelleira das mulheres, cae pela tarde extenuada de tantas caricias! Talvez tenhas alguma vez sonhado com este paiz miraculoso! As flôres, lá, são maiores do que tu e nos seus calices purpureos, varios passaros de plumagem de ouro, gorgeiam amorosos canticos.

Sobre as aguas immoveis como doces espelhos, cysnes nadam entre as columnas de lotus sob as umbrellas brancas das esbeltas nymphéas; e pequenos palacios de marmores construidos sobre o rio nelle refletem a sua immobilidade.

Mas alem, por traz dos palacios brancos, á sombra das figueiras, abre-se a grande flor amarella de Tchamp, cujo mel é tão dôce que a abelha a evita para ali não morrer. E' lá que nós dous passearemos. Eu te cobrirei de veos e de sêdas e levar-te-hei ao templo de Parsavanath para te jurar um amor eterno deante d'Aquelle que está sempre presente em toda a parte.

E depois... á noite... mas sabes o que é a noite lá? Não é como aqui, negra e medonha... Escuta! O sol desaparece lançando fogos como os de bengala e vê-se tomar o seu logar no horizonte, uma lua immensa e vermelha cuja claridade, inundando o oriente, faz empallidecer mortalmente a dos astros. O lago enche-se de reflexos verdes e todas as luzes do jardim illuminam os rios.

A flauta e tamboril resôam... Então desceremos perto das ruinas illuminadas nos jardins de Gonzareth onde se dança ao clarão da lua. Dize, queres vir?

Inice tremia como se acordasse de um horrivel pesadelo.

— Não, não posso, disse ella, não é possivel, é preciso que eu cuide do pequeno cêgo.

— Estás louca? Queres envelhecer aqui? Vamos, não hesites mais, meu borco parte amanhã.

O marinheiro pousou o cachimbo sobre a meza e abraçou longamente Inice palpitante.

— Si tu não vieres, disse-lhe elle ao ouvido, eu te raptarei!

E Inice murmurou:

— Irei...

III

— Um rôlo de fumo para mascar vale mais do que todas as mulheres do mundo, disse o marinheiro.

— Ah! de certo, concordou o seu amigo, uma mulher é um fardo mais pezado do que dez cargas de arroz.

— Ah! bem que eu parteria para as ilhas Colibri hoje, suspirou o marinheiro, si pudesse fazel-o!

E tentou extender-se de todo o comprimento no banco da tabacaria; mas era demasiado alto; teve que sentar-se.

— Mas tambem, perguntou o camarada que era machinista a bordo; porque foste procurar a carga d'aquella mulher?

— Eu sei lá? respondeu o marinheiro. Vejo bem que fiz uma tolice. Tenho tido porções de amantes, brancas, negras, de cutis rosadas, morenas; umas cheiravam a peixe ou a alcatrão, e as outras de cabellos soltos pareciam tanto com as flores que as obelhas seguiam-nas... mas nunca tive uma amante triste.

O machinista disse:

— Companheiro. Vou dar-te um bom conselho.

O marinheiro escutou o conselheiro e pensativo entrou em casa.

Inice esperava-o na porta.

Em todas as portas mostravam-se moças de faces pintadas. Mas Inice não as via, toda occupada em aguardar a vinda do seu amigo, o marinheiro.

Ella o viu approximar-se lentamente, semelhante a uma barca carregada, gingando.

Quando chegou perto della Inice pendurou-se-lhe ao pescoço e perguntou meigamente:

— Quando é que iremos passear em palaquim nos jardins illuminados?

O marinheiro guardou silencio, pensativo, mas Inice insistiu:

— E quando iremos passear sob as figueiras onde se abre a grande flor amarella de Tchamp, cujo suco é tão doce?

O marinheiro olhou duramente sua amante e disse:

— Mulher, sabes como praguejam os marinheiros?

— Não, respondeu Inice; como é?

— Vais já vel-o.

E começou a praguejar.

Inice poz-se a chorar.

— E agora, mulher, disse o marinheiro, faze o favor de me deixar em paz.

Na manhã seguinte acordou muito alegre como de costume dizendo á moça:

— Trar-te-hei hoje um osso de faisão engastado em ouro; isto traz felicidade.

Inice esperou-o como habitualmente; mas elle não voltou de dia.

— Elle virá esta noite, murmurou Inice.

Mas a noite passou, depois a manhã, depois outra manhã e o marinheiro não voltava ainda....

Então Inice ficou com medo; poz-se diante da porta e interrogou os transeuntes.

— Não vistes o meu marido, o marinheiro? Um homem disse-lhe emfim.

— Vosso marido? Onde estará elle agora? Oh! A esta hora elle deve estar bem perto das ilhas Colibri!

A estas palavras Inice entrou em casa e deixou-se cahir sobre uma cadeira, soluçando.

....

Ella chorava havia tres dias e tres noites quando ouviu uma voz que dizia perto d'ella:

— Pobre rapariga!

Inice levantou os olhos e deparou com uma dessas moças que ella via enfeitadas em frente de suas portas.

— Quem és tu? perguntou ella.

— Sou a serva do Deus Hana.

— Como te chamas?

— Chamam-me Bella-do-Dia.

— Ah! tens pena de mim?

— Muita pena.

Inice desfez-se novamente em lagrimas.

— Sei o que é isto, disse Bella-do-Dia. Meu primeiro amante abandonou-me.

Era um soldado. Não me lembro mais si era loiro ou moreno; mas trazia uma tunica vermelha com enfeites negros.

— E tu o amavas muito?

— Somos loucas quando jovens!

E Inice repetiu suspirando:

— Somos loucas quando jovens!

— Entretanto, disse Bella-do-Dia, não precisas desesperar; tu és bella, tão bella que si toucasses com a ponta dos pés na arvore d'Asoca todas as sua flôres se abririam subitamente. Teu pescoço lembra o lotus e teu rosto é meigo como a lua... Vem, eu te enfeitarei; ensinar-te-ei a seduzir os homens, a amal-os e a enganal-os tambem:... Queres?

— Não, respondeu tristemente Inice.

— Não tens razão. Os homens não são bons senão para serem seduzidos, amados e enganados por nós; elles são maos e áquellas que não têm experiencias sugam o mel dos labios e vão-se embora. Crê-me, eu conheço os homens.

Mas Inice respondeu:

— Ha alem mar um homem que não é máo; vou voltar para perto d'elle.

— Porque o deixastes?

— Eu queria dansar ao luar....

— E tu partiste com o marinheiro?

— Não, foi elle que me raptou.

— E agora, quererias voltar para o teu paiz?

— Oh! sim!

— Crê-me, fica antes aqui no paiz do luar e da dansa... Por um homem perdido tu encontrarás cem!

— Não desejo senão um, e não tenho necessidade de outro.

— Tu o amas então?

— Não sei; mas quero voltar para perto delle; aliás elle me predisse que eu o tornaria a procural-o.

— E como atravessarás o grande mar?

— Irei pela praia e encontrarei um homem que seja bastante bom para me reconduzir ao meu paiz.

— Oh! pobre... pobre creatura que não sabes ainda que não ha homens bons!

Mas ha ainda mulheres bôas, ajuntou ella vendo as lagrimas cobrirem a face de Inice.

IV

O pescador sentado na sua barca contemplava a agua profunda, e para qualquer lado onde dirigisse o olhar, via rebentar as vagas.

Lá, onde ainda ha pouco não havia senão um ligeiro turbilhão, a agua elevava-se cada vez mais alto. Parecia que uma força mysteriosa procurava evadir-se das profundezas; uma vez as ondas elevaram-se até á altura de uma torre, como para submergir o mundo e depois tornaram a cahir, desfeitas em espuma.

Cançado o pescador recolheu as rêdes e entrou em casa.

Logo que penetrou no seu quarto sombrio, o menino cégo lhe disse:

— Papae, a mulher cuja mão é tão suave, está ahi!

— Tu deliras meu filho, respondeu o pescador.

— Não, replicou o cégo, não deliro.... Ella está ali naquelle canto escuro.

O pescador olhou na direcção indicada e percebeu com effeito sua mulher que, sentada sobre um tamborete, o rosto entre as mãos, chorava.

— Papae! papae! estou com mêdo, disse o pequeno cégo.

— Não precizas ter mêdo, disse o pescador; ella não te fará mal.

— Eu sei; ella é bôa, mas sua face está toda molhada de lagrimas, e eu tive medo ainda ha pouco quando ella me abraçou.

— E' preciso que lhe dê um leito no pequeno quarto. Ella que coma tambem si quizer.

Depois o pescador agarrou as rêdes e foi-se.

Na manhã seguinte, todos os homens da costa partiam para a pesca á baleia.

Quando o pescador voltou, depois de sete dias e sete noites de ausencia, perguntou ao céguinho:

— Como vaes, meu filho?

O menino cégo respondeu:

— Papae, a mulher de mãos macias teceu-me uma camisa.

— Ella te falla muitas vezes?

— Muitas; emquanto ella me lava e me penteia, nós conversamos.

— Sobre que conversam ?

— Ella me diz que sou bonito.

— Continua a falar com ella.

Entretanto o pescador não dirigia uma só palavra a Inice ; assim como o havia dito. Mas eis que uma noite o pequeno cégo acordou bruscamente.

— Que tens meu filho ?

O menino chorava.

— Papae, toma minha mão, tive um sonho terrivel.

— Que sonhaste, meu filho ?

— Sonhei que o mar invadia o quarto. A agua subia, subia, até a altura do meu pescoço. Então tu me tomaste nos braços e me salvaste. Depois a onda retirou-se lentamente, mas levou comsigo a mulher de mãos macias.

— Volta-te para o outro lado meu filho, e não temas nada ; a agua nunca nos fará mal.... é a nossa melhor amiga.

— Papae, porque não falas nunca com a mulher de voz suave ?

O pescador não respondeu nada.

— Ella é bôa, bem o sabes, continuou o menino cégo ; ella me ensinou orações.

O pescador reflectiu longamente ; mas depois disse a seu filho.

— Pergunta-lhe onde poz o annel que eu lhe dei ha quatro annos pelo São Valentim.

— Seu annel ?

— Sim, seu annel.

* * *

Na manhã seguinte Inice estava sentada como outrora perto da janella, e olhava o mar infinito. Monotono, o *tic tac* do relogio continuava a repetir : «Longe d'aqui !.... Longe d'aqui !....»

— Elle se lembrará ainda da canção do pescador feliz ? disse Inice de si para si.

Nesse instante o céguinho lhe dirigiu a palavra :

— Elle perguntou o que fizeste do annel que te comprou, ha quatro annos, pelo São Valentim.

Inice tornou-se pallida como a flôr do lotus.

— Deixei-o cahir no mar, respondeu ella horrorizada, mas irei procural-o.

Outra vez o menino cégo ficou só em casa. Apezar d'isso não queria crêr que estivesse só e poz-se a chamar :

— Mamãezinha ! Mamãezinha !

Mas como ninguem lhe respondia, encolheu-se debaixo dos cobertores, cheio de mêdo. E entretanto, pensou perceber dissimulados passos indo e vindo em todo o quarto ; parecia-lhe mesmo que haviam deposto no quarto, alguma cousa pesada. Poz-se de novo a chorar mas gritaram-lhe :

— Então não te calas ? Queres acordal-a ?

* * *

Mais tarde, um dia.... elle ouviu seu pae que dizia :

— O' Djimi, porque fiz eu o que me disseste ?

Então, o pobre céguinho percebeu que a mulher de mão macia não o lavaria nunca mais, que ella não o pentearia nunca mais e que essa mão, essa mão tão macia, estava fria agora e para sempre.

Muito tempo depois, um dia em que o pescador lhe falava uma vez, ainda perguntou :

— Papae, se a mamãezinha não estava doente, porque morreu ?

E o pescador não soube senão responder :

— Uma creança não póde comprehender essas cousas ! Mesmo as pessôas grandes, muitas vezes não as comprehendem.

Vanille — Semilla — Royal

INCOMPARAVEIS CIGARROS — VEADO

AGUA DE COLONIA Henri

Litro 6$000

1/2 litro. . . . 3$500

1/4 de litro . 2$000

78 — RUA URUGUAYANA — 78

LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL

Companhia de Loterias Nacionaes do Brazil

Extracções publicas sob a fiscalisação do Governo Federal, ás 2 1/2 horas e aos sabbados ás 3 horas á RUA VISCONDE DE ITABORAHY N. 45

Sabbado, 7 de Agosto

A's 3 horas da tarde — 303 - 5a

200:000$000

Inteiros em meios 15$400 — Inteiros em vigésimos 16$000
Vigésimos a $800.

Sabbado, 14 de Agosto

Ás 3 horas da tarde

309 — 32a

50:000$000

Inteiros 4$000 — Quintos a $800

Sabbado, 21 de Agosto

A's 3 hora da tarde

300 — 20a

100:000$000

Inteiros 8$000 — Decimos a $800

N. B. — Os premios superiores a 200$ estão sujeitos ao desconto de 5 o/o.

Os pedidos de bilhetes do interior devem ser acompanhados de mais 500 réis para o porte do Correio e dirigidos aos agentes geraes Nazareth & C., rua do Ouvidor n. 94. Caixa n. 817 Teleg. LUSVEL e na casa F. Guimarães, Rosário, 71 esquina do Becco das Cancellas, Caixa do Correio n. 1273.

40

ANNOS DE GARANTIA

V. Ex. já tem o faqueiro

COMPLETO

com 200 peças

que ha tanto tempo

DESEJA ?

. . . talvez, não !

Com 10 mil reis semanaes poderá V. Ex. sem sacrificio, obter este rico OBJECTO nos

CLUBS CASA STANDARD